



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

**ABDIAS NASCIMENTO:  
UM JORNALISTA**

**MARIA EDUARDA NASCIMENTO DOS SANTOS**

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
JORNALISMO

## **ABDIAS NASCIMENTO: UM JORNALISTA**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Bacharel em Jornalismo.

**MARIA EDUARDA NASCIMENTO DOS SANTOS**

**Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Pires de Oliveira Junior**

**Coorientadora: Profa. Dra. Mirella Farias Rocha**

Rio de Janeiro

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

S236a Santos, Maria Eduarda Nascimento dos,  
Abdias Nascimento: Um jornalista / Maria  
Eduarda Nascimento dos Santos. -- Rio de  
Janeiro, 2024.  
78 f.

Orientador(a): Paulo Roberto Pires de  
Oliveira  
Coorientador(a): Mirella Farias Rocha  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola  
de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2024.

1. Abdias Nascimento. 2. jornalismo. 3.  
identidade. 4. representação. 5. biografia. I.  
Oliveira Junior, Paulo Roberto Pires de,  
orient. II. Rocha, Mirella Farias.

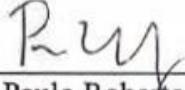
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

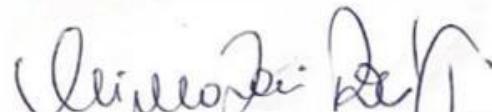
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

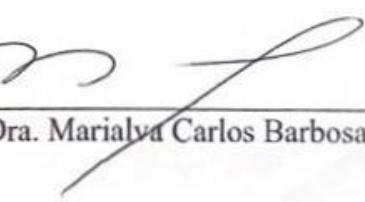
A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Abdias Nascimento: Um jornalista**, elaborado por **Maria Eduarda Nascimento dos Santos**.

Aprovado por

  
Prof. Dr. Paulo Roberto Pires de Oliveira Junior (orientador)

  
Profa. Dra. Mirella Farias Rocha (coorientador)

  
Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

  
Prof. Dra. Marialva Carlos Barbosa

Grau: 10,0

Rio de Janeiro, no dia 10/12/2024

Rio de Janeiro

2024

Para minhas mães e meus pais, os tantos que  
tenho.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que enquanto e o quanto puderam, acreditaram em mim. Foi só no outro lado do túnel que eu conheci o olhar da descrença, e ter para onde retornar quando o encontro, me fez chegar mais longe. Agradeço a Ogún por me mostrar a força do tempo. Por me ensinar a prosseguir, mesmo com medo, e sobretudo, por me tornar uma mulher inquieta, aguerrida, e de batalhas vitoriosas. Por ser sua filha. A Yemonjá pela rigidez, e pelo colo de mãe. A Agué e Otolú por serem pais fiéis, de palavras firmes. A Maria Padilha, Tranca Rua e Tiriri pela disciplina, força e pelo meu caráter.

Dedico esse trabalho a minha mãe carnal, Aline Melo do Nascimento. Agradeço por ter me criado para ser livre, e ao passo que a vida lhe ofertou, ser a melhor mãe que eu poderia ter. A minha Doné Valéria de Agué, por cuidar do meu orí, me orientar, e me fazer renascer como outra, melhor. Ao meu pai Edemilson Junior de Barros por ter feito com suas próprias mãos um caminho menos tortuoso para que eu pudesse caminhar e por ter escolhido me amar incondicionalmente. E ao meu pai Wander Batista dos Santos, por ter me apresentado uma grande parte da minha identidade negra.

Agradeço ao meu irmão João Eduardo Nascimento por ser o parceiro da minha vida, e por me dar propósito todos os dias de ser grande, por ele, e pela minha irmã Maria Julia que acaba de nascer.

Agradeço a minha avó, Venimar Batista do Santos, meu exemplo de fibra e com quem aprendi a correr atrás do que quero. Também em memória de Dagmar de Oliveira Souza, minha bisavó, a primeira sacerdotisa de axé que conheci. Ao grande privilégio de conviver e ser amada por Alice Laurentino Melo, minha bisavó materna, indígena, de Pernambuco, e que ganhou a vida vendendo salgados. Agradeço também a minha avó Terezinha Melo. Aos meus tios Rodrigo Melo e Victor de Sousa, que muito me mimaram.

Quero agradecer aos meus mestres de capoeira Mestre Pelé e Mestra Neném, que me impulsionaram a não desistir e me ensinaram algo que jamais esquecerei, a capoeira.

Quero celebrar a vida com as minhas amigas Isa Morena e Giovanna Machado, e agradecer por terem sido um colo familiar dentro da universidade. Por dividirem comigo alegria, felicidade, e o fardo da graduação. E, principalmente, por termos construído juntas as melhores memórias da minha vida.

Quero agradecer ao PET Povos de Terreiro e Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas, a todos os bolsistas, mas em especial a Mirella Rocha, tutora, referência, e mulher negra de potência, por ter se tornado uma amiga para a vida toda. Quero agradecer a Cultne Tv

e a toda equipe do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros por me formar e me dar bases sólidas de luta. Por me oferecerem a coletividade, agradeço a Elisa Larkin Nascimento e a Dom Filó por todas as portas abertas.

Quero agradecer ao meu orientador Paulo Pires por ser como docente e jornalista aquilo que o mundo precisa, especialmente a Escola de Comunicação. Obrigada pelo apoio e pela confiança.

Gostaria de agradecer a importantes e queridos amigos que me ajudaram a concluir esse sonho: Jhonatan Marley, Yan Felipe, Dayse Gomis, Ludymilla Chagas, Hebe da Silva, Andressa Ramos, Victor Bastos, Adriano Assumpção, João Marcelo, Pedro Henrique Cardoso, Nil Mendonça, Mauricio Santos, José Eduardo Alcântara, Letícia de Oliveira Veiga, Eloah Mota, Ekedí Etiane Maiara, minha irmã Joyce e meu Etemi Tony, meu padrinho José (Puluca), Tatiana Barreto, Julio Ludemir, Yasmin Menezes, Izamara Ferreira, Clícea Maria, e a toda família Nascimento que sempre acreditou em mim.

Ando pelas redações, e quando sabem que sou  
preta, mandam dizer que não estão.  
(Carolina Maria de Jesus)

DOS SANTOS, Maria Eduarda Nascimento. **Abdias Nascimento: Um jornalista.**  
Orientador: Paulo Roberto Pires de Oliveira Junior. Coorientadora: Mirella Farias  
Rocha. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro:  
ECO/UFRJ, 2024.

## RESUMO

A partir de documentos inéditos, nos debruçamos sobre a formação da identidade de Abdias Nascimento, que apesar de múltipla, será contada e analisada sob a ótica de apenas um de seus aspectos: o de jornalista. Focado em quem Abdias foi como profissional da comunicação, o trabalho pretende evidenciar que entre as variadas capacidades de Nascimento – considerado um dos pioneiros em pautar ideias para libertação, políticas de ação afirmativa e valorização da cultura negra – existe a de jornalista inserida em um período importante para a formação de seu pensamento. Pretende-se biografar e extrair no processo o início e o desenvolvimento dessa face, que se forma concomitantemente com sua identidade política e negra. Trata-se de verificar o que demarca essa trajetória, e como, por conseguinte, ela se torna elemento fundante de toda sua posterior atuação como militante e herói nacional. É um estudo de natureza exploratória, feito a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa, com propósito de identificar os sentidos, dados e significados que o material documental (jornais e publicações) poderá fornecer em relação ao jornalista Abdias Nascimento.

**Palavras-chave:** Abdias Nascimento; jornalismo; identidade; representação; biografia

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>1</b>
<b>2. Abdias</b>	<b>6</b>
2.1. Jornalista	8
2.2. Borboletas de Franca	12
2.3. Nascimento de um líder	16
<b>3. Ethos social: preconceito de côr no Brazil?</b>	<b>21</b>
3.1. Submundo	24
3.2. Jesus Chorou	27
<b>4. Problemas e Aspirações do Negro Brasileiro</b>	<b>31</b>
4.1. O problema do negro	33
4.2. Negro e jornalista	37
<b>5. Considerações finais</b>	<b>42</b>
<b>6. Referências bibliográficas</b>	<b>44</b>
<b>7. Anexos</b>	<b>46</b>
7.1. Anexo A – Integralismo I	46
7.2. Anexo B – Integralismo II	47
7.3. Anexo C – Artigo no “O nosso jornal”	48
7.4. Anexo D – Carteira de funcionário no Diário Trabalhista	48
7.5. Anexo E – Diário Trabalhista I	49
7.6. Anexo F – Diário Trabalhista II	50
7.7. Anexo G – Diário Trabalhista III	51
7.8. Anexo H – Diário Trabalhista IV	52
7.9. Anexo I – Diário Trabalhista V	53
7.9. Anexo J – Diário Trabalhista VI	54
7.10. Anexo K – Carteira do Sindicato de Jornalistas Profissionais	55
7.11. Anexo L – Quilombo 1 <sup>a</sup> edição	55
7.12. Anexo M – Artigo Raquel de Queiroz no Quilombo	56

## 1. Introdução

Peço a devida licença para me autorreferenciar porque este trabalho congrega com meu *odú*, sendo essa também a maneira de honrar a memória da menina que viu seu nome na chamada regular do SISU em 2021, na lista de cotistas negros que cursaram o ensino médio em escola pública. Se trata um pouco de algo que ouvi do mestre Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, e que jamais me permitirei esquecer. Em um encontro, realizado na casa da escritora Eliana Alves Cruz, Nego Bispo falou sobre a necessidade de alimentarmos nossa trajetória, porque ela come. Isso significa falarmos bem de nós mesmos, nos elogiarmos e nos respeitarmos.

Graças aos meus pais, e a algumas referências que tive conhecimento antes da universidade, como Flávia Oliveira e Carolina Maria de Jesus, evitei me moldar para ser uma jornalista. Não passei por estágios em redações de jornais, nem pela TV ou pela rádio. Entrei na Escola de Comunicação decidida a não dar o braço a torcer a um ciclo quase obrigatório que inclui um emprego desconectado do meu propósito e ser uma máquina de repetir processos em plantões mal pagos, tudo em função de me legitimar um pouco mais “jornalista”. E, afinal, o que é ser uma jornalista? Especialmente, de pele escura e oriunda da favela. Despida da falácia da imparcialidade, que nunca me coube, sabia que havia caminhos possíveis para dedicar minha atuação ao que minha própria história traduz, a convertendo em ativismo pela valorização da cultura afro-brasileira.

Como já citada, reencontrei Carolina Maria de Jesus na extensão Heroínas Negras da História Não Contada do Brasil, que faz parte do Programa De Educação Tutorial Conexões grupo Povos de Terreiro e Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas, onde fui bolsista. Lá, durante dois anos, desenvolvi uma pesquisa em torno da formação social brasileira e uma oficina para crianças sobre Carolina em uma perspectiva de potência. Fui acolhida por esse grupo orientado pela tutora Mirella Rocha — hoje minha orientadora e amiga —, atuando diretamente em escolas públicas, terreiros e quilombos. Muito se fala sobre entrar na universidade, mas pouco se discute como permanecer. E esse encontro com o projeto que articula pesquisa, ensino e extensão, referenciado em bibliografias majoritariamente negras, foi o responsável por revitalizar meu desejo de continuar na caminhada acadêmica.

O encontro com Abdias Nascimento (1914-2011) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros, o Ipeafro, aconteceu no início da minha graduação — incialmente como estagiária e logo após como assistente de comunicação — e me formou como a jornalista que

eu sempre quis ser. O espaço físico do Ipeafro é um apartamento residencial cedido por Nascimento e por Elisa Larkin à organização, e que foi antes um ateliê onde ele produzia como artista plástico. Evidentemente, é inspirador ter contato com essa dimensão da memória, comovente em grande medida. Inclusive, tem algo sobre isso que nunca disse em voz alta: sempre senti que ele me intuía questões enquanto estava lá. Pode parecer estranho, mas todos os dias de Finados, desde que passei a trabalhar com seu legado, acendo uma vela para ele no meu axé. Pelo acaso do meu sobrenome, já fui associada algumas vezes a ele como sendo sua neta, lugar que assumo carinhosamente com o cuidado devido. Por isso, e pelo tempo ouvindo histórias de amigos próximos a ele, de pessoas que conviveram com ele antes de morrer, e em um diálogo próximo com a professora Elisa Larkin Nascimento, pude conhecer algumas nuances do acervo que não são necessariamente palpáveis. E por se tratar de uma coleção imensa e com eixos distintos (artístico, bibliográfico, arquivístico e documental), continuo sendo surpreendida todos os dias com coisas que nunca havia visto até determinado momento — como no caso da maioria dos documentos que aparecerão nesta pesquisa.

Participei diretamente do resgate da identidade de Nascimento como artista plástico no projeto expositivo “Abdias Nascimento e o Museu de Arte Negra” desenvolvido em parceria com o Inhotim, que durou quatro anos, e que mudou toda a estrutura de funcionamento do museu. Também participei das comemorações envolvendo os 80 anos do Teatro Experimental do Negro, celebrando a importância em torno da figura de Abdias como dramaturgo, e em outras ações desenvolvidas no âmbito de suas atuações como intelectual, militante, artista e político. Me despertava a curiosidade, especialmente por se tratar de uma figura emblemática para o Brasil, o porquê pouco ou quase nada era dito sobre seus feitos como jornalista. E quando acontecia, o jornal *Quilombo* (1948) era a única menção. Mas qual o caminho percorrido por alguém que fundou um jornal tão original e democrático na década de 1940? Quais são as experiências jornalísticas que antecedem esse feito tão memorável? Ele já se autonomeou um jornalista em algum momento? Muitas questões.

Ser uma comunicadora em contato direto com acervo e memória do legado do poeta, escritor, jornalista, artista plástico, político e ativista Abdias Nascimento e toda sua produção multidisciplinar, me alavancou a pensar em como realizações e performances culturais negras e indígenas, por uma epistemologia referencial às religiões de matriz africana, inspiram autoestima e se interconectam com novas memórias afirmativas por meio do que a própria representação do legado traduz. Segundo Nascimento: “A história dos povos negros registra a falsidade do chamado ‘universalismo’ e da ‘objetividade’ das ciências que nos rotularam como

inferiores e nos fizeram ‘escravos por natureza’” (Nascimento, 1982).

Com esse arcabouço de conhecimento encarnado pelas experiências, desenvolvi o interesse de pesquisar a atuação do jornalista Abdias Nascimento para entender, como a partir da sua história, com diversas atribuições profissionais, o jornalismo pode ter contribuído para que ele se tornasse um dos maiores intelectuais da cultura negra brasileira. Com a pesquisa *Abdias Nascimento: Um jornalista* pretendo me debruçar sobre um período principiante da vida de Abdias Nascimento (1930-1950) para jogar holofotes à importância de sua atuação como jornalista, bem como resgatar essa parte de sua vida que foi negligenciada por alguns estudos. Sobretudo, afirmar que existe uma vasta atuação na área antes da fundação do jornal *Quilombo*. O trabalho vai traçar linhas que se encontram na formação da sua identidade, e demonstrar que enquanto ele se entendia como um militante, e posteriormente um militante negro, ele esteve atuando como jornalista em todos esses momentos. E, por fim, a pesquisa pretende a partir do exemplo desta trajetória, incentivar uma apreensão cultural que mobilize socialmente contra a inviabilização da cultura afro-brasileira na academia e nos estudos sobre jornalismo.

Como metodologia, uma pesquisa foi feita nos acervos do Ipeafro, da Fundação Biblioteca Nacional e na Hemeroteca Digital. Além disso, uma revisão da literatura biográfica de Abdias, especialmente dos livros *Grandes Vultos que Honraram o Senado: Abdias Nascimento* (2014), de Elisa Larkin Nascimento, e *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas* (2006), do poeta Éle Semóg. Inicialmente, fiz uma pesquisa nos microfilmes digitalizados do Ipeafro em busca de autodeclarações, documentos, e fontes que datassem entre 1930-1950, que conectassem o Abdias ao jornalismo. O texto *Diário trabalhista e democracia racial negra dos anos 1940*, de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães e Márcio Macedo, me apresentou a coluna “Problemas e Aspirações do Negro Brasileiro” dirigida por Nascimento no *Diário Trabalhista* (1946), e que antecede o jornal *Quilombo* — o que por si só é revolucionário, levando a quantidade de material, e principalmente, por se tratar também de uma coluna centralizada na questão racial. Isso me despertou o interesse em entender o que vinha antes dela, ou melhor, onde se iniciava essa questão do “jornalista”. Então, reuni algumas informações sobre a coluna, cujo Ipeafro tem poucas páginas digitalizadas, e fui até o acervo da Biblioteca Nacional consultar a fonte documental física, que se encontra no acervo da instituição. Em seguida, consultei e digitalizei a maior parte das colunas do primeiro semestre de 1946.

Outra importante bibliografia revisada foi o livro *Submundo: cadernos de um penitenciário*, fonte que será utilizada como argumento principal para afirmar a hipótese de que Abdias foi um cronista no Carandiru. Li o livro em 2023, e acompanhei todo o processo de

lançamento e bastidores do livro, e desde lá, apesar do destaque para a questão abolicionista que a publicação recebeu, pensava em quem era esse Abdias, muito jovem, e que conseguiu chegar tão profundamente nas conversas com os prisioneiros relatados no livro. Além disso, o fato de a publicação dos manuscritos ser um desejo do autor em vida também apontou para um caminho importante.

Durante o decorrer do trabalho, a definição feita por Stuart Hall (2014) sobre a identidade norteará a compreensão da trajetória de Nascimento para esta que pretende ser uma pesquisa biográfica. De quais fatores é constituída uma identidade? Para onde olhamos quando queremos “perfilar” alguém? Então, a primeira parte apresentará dois documentos-chave (um passaporte e uma Carteira de Sócio da Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo) que comprovarão a hipótese de que existia uma intenção de Abdias em se declarar como jornalista e, inclusive, de seguir como profissional desta área, mesmo já sendo formado em Economia. Além disso, vai fazer um paralelo com a viagem com a *Santa Hermandad Orquídea*, uma das responsáveis pela fundação do Teatro Experimental do Negro. Sendo esse o momento mais importante da sua trajetória como militante, o capítulo demonstrará a proximidade histórica entre esse evento e as atuações dele como jornalista.

Mais adiante, irei iniciar a exposição de alguns fatores a serem considerados na construção da identidade do autor, como a infância e a noção da Arkhé afro-brasileira. Será feita uma contextualização histórica da política daquela década com o Governo Vargas, em ligação com a maneira como Abdias começou a se inserir na militância, começando por sua passagem no Exército e a mudança para a cidade de São Paulo. A seguir, a gana de Abdias pela insurgência contra um governo ditatorial, nas vias do Integralismo, será exibida em paralelo a fontes documentais que demonstrarão suas atuações no jornalismo naquele momento, com episódios importantes para sua formação intelectual, como a sua primeira passagem pela prisão.

No capítulo 3, ainda sob a perspectiva de identidade de Hall, será analisada a influência da mudança de Franca para as grandes cidades (Rio de Janeiro e São Paulo) e o rompimento com o Integralismo como uma busca de luta pela liberdade mais aproximada aos ideais negros. Apresentarei uma síntese de como conhecer o Candomblé, as amizades, o território e a realização do Congresso Afro Campineiro demarcam uma mudança significativa na narrativa da vida para o jornalista. A seguir, será feita uma análise de alguns trechos de *Submundo* que comprovarão os manuscritos como um material jornalístico, fazendo referência a João do Rio. Além disso, será observada a percepção de Abdias sobre o sistema carcerário se alterando a partir da corporeidade, termo cunhado por Muniz Sodré (2017), no processo das entrevistas

com os detentos. Para isso, um ensaio realizado por Abdias em sua recém-chegada à prisão, publicado em um jornal que circulava na penitenciária, é comparado com um capítulo de *Submundo* escrito um tempo depois de sua chegada. As duas fontes respectivamente têm como pauta principal a questão da “regeneração” pelo sistema carcerário.

Com a saída da prisão, o Teatro Experimental do Negro será introduzido como chave precursora de um pensamento negro amadurecido, e que desdobra em outras atuações também relevantes socialmente. Na quarta parte, será realizada uma análise sobre o texto de Guimarães e Macedo em conjunto com os documentos reunidos do *Diário Trabalhista*, selecionados sob o critério de reforçar o argumento de que o ativismo e o jornalismo estiveram alinhados com esse amadurecimento político e racial de Nascimento. Também demonstrará como naquela década Abdias já rejeitava a existência de uma democracia racial e ventila algumas questões que só seriam discutidas décadas depois, como a criminalização do racismo e o gênero no debate de raça. O capítulo destacará como “o problema do negro” é encarado por Abdias e parceiros intelectuais da época, e o quanto de radicalidade seu trabalho como escritor abarcava.

Por último, demonstraremos como a fundação do jornal Quilombo está intrinsecamente ligada à ideia do Quilombismo, de autossuficiência e organização de luta pela liberdade em bases negras e afro-brasileiras. A pesquisa apresentará a inventividade de um jornal independente, negro, e com um conteúdo inclinado às percepções de uma sociedade mais justa, ao mesmo tempo que estava a serviço da notícia, da informação e da democracia. O quanto essa organização deveria ser mais referenciada dentro dos estudos de comunicação?

O trabalho tem como objetivo apresentar ao leitor um retrato de um herói nacional, que antes de tudo, foi um jornalista.

## 2. Abdias

Abdias Nascimento (2014-2011) é uma identidade sob rasuras. A ideia de uma identidade que opera “sob rasura” (Hall, 2014), mutável e retroalimentada por várias condições, é útil para a compreensão das identidades, principalmente das populações negras e indígenas em diáspora e nascidas no Brasil. Este conceito de perspectiva desestruturativa trabalhado pelo sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, não pretende esgotar as definições anteriores sobre a questão da identidade, mas está longe de uma visão “naturalista”, e indica que a construção da identidade política fundamental, um processo nunca completado, para o sujeito a partir da cultura, da cor e da condição social, é uma das partes do que compõe um coletivo com relações de subjetividade diferentes. Rejeitando um modelo liberal-capitalista, significa partir do princípio do indivíduo que é sujeito da ação, com sentimentos, escolhas e dignidade, para observá-lo em um processo inverso ao que foi feito durante a colonização. Além disso, a escolha de Stuart Hall pela condição da “rasura” oferta a compreensão de que, o que está rasurado — lê-se sublinhado —, não está em definitivo anulado. De certo, é possível ainda ver o que está por baixo da rasura.

Nascimento é um sujeito que em vida, e após a morte, acumulou diversas aptidões profissionais e feitos que, em conjunto, e em contextos históricos diferentes, contribuíram socialmente e politicamente para ideais de libertação para os “afro-pindorânicos” (Bispo dos Santos, 2019) — termo usado pelo líder quilombola Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, para referir-se aos descendentes africanos e indígenas/pindorânicos em substituição às designações empregadas pelo colonizador. Não à toa, Abdias é respeitado internacionalmente e considerado um dos principais percursores do movimento negro no Brasil ao lado de grandes figuras como Lélia Gonzalez e Guerreiro Ramos.

Em evidente caráter pioneiro, Nascimento liderou discussões que afirmavam a existência do racismo e de uma desigualdade racial latente no Brasil, em vias de um cenário que veementemente tentava esconder e denegar a questão. Ele fundou a revolução cênica, artística e estética conhecida como Teatro Experimental do Negro (1944), responsável por alterar as características da dramaturgia brasileira, onde até aquele momento, os papéis reservados às pessoas negras eram sempre estereotipados, racistas e secundários. Na mesma organização, atuou como líder na promoção da Convenção Nacional do Negro (1945-46) e no 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950). Além disso, nas imediações do TEN, fundou o jornal *Quilombo* (1946) e o Museu de Arte Negra (1969), iniciativas baseadas na afirmação e resgate da cultura afro-brasileira. No mesmo período, foi um dos principais líderes Comitê

Democrático Afro-Brasileiro (1945).

O jornalista, poeta, escritor, ativista, dramaturgo, ator, professor, político e artista visual teve seu trabalho reconhecido com honrarias que vão desde a indicação ao Prêmio Nobel da Paz, ao seu nome inserido no Livro de Aço dos Heróis e Heroínas da Pátria (2024). Foi o primeiro deputado federal (1983-1987) negro a dedicar-se integralmente à questão do racismo, e exerceu seu mandato de Senador (1991-1997) sob a mesma bandeira. Abdias fez de sua vida uma devoção a “reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundamentado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e pelo racismo” (Nascimento, 2019), de modo a denunciar veementemente a condição desigual sob o jugo do genocídio que vivem os negros e indígenas do país.

No contexto político da ditadura militar e o decreto do AI-5 no Brasil em 1968, Nascimento viveu em autoexílio durante 13 anos (1968-1981). Fora do Brasil, esteve principalmente nos Estados Unidos — ida possibilitada por uma bolsa de estudos em Nova York — e passou uma temporada de um ano na Nigéria, entre 1976 e 1977. Foi este o momento oportuno que o possibilitou se dedicar a pintura e a se estabelecer como artista plástico, além de ter realizado exposições e curadorias. Também no momento do exílio, participou da formação do PDT, e em 1981, no Brasil, liderou a criação do Movimento Negro do PDT.

Nascimento foi responsável pela criação e desenvolvimento do conceito de Quilombismo, uma proposição política coletiva de liberdade, que prega a refundação do país por ideais negros e afro-brasileiros. Além disso, a ideia de ação prática pauta uma sociedade cuja “natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo” (Nascimento, 2019, p. 288). Também fez parte, como um dos principais nomes, da resistência levantada pelo movimento negro brasileiro contra o mito da democracia racial<sup>1</sup>, fortemente disseminado na década de 1930 no Brasil. Sua extensa lista de publicações, são obras consideradas clássicas para a compreensão da sociologia e cultura afro-brasileira, a contribuição do negro na sociedade, e os efeitos do racismo no país, entre elas: *Sortilégio* (Mistério Negro) (1957), *Racial Democracy In Brazil: Myth Or Reality? Sketch-Nigéria* (1977), *O Quilombismo* (1980), *Negro Revoltado* (1968) e *Genocídio Do Negro Brasileiro* (1978).

---

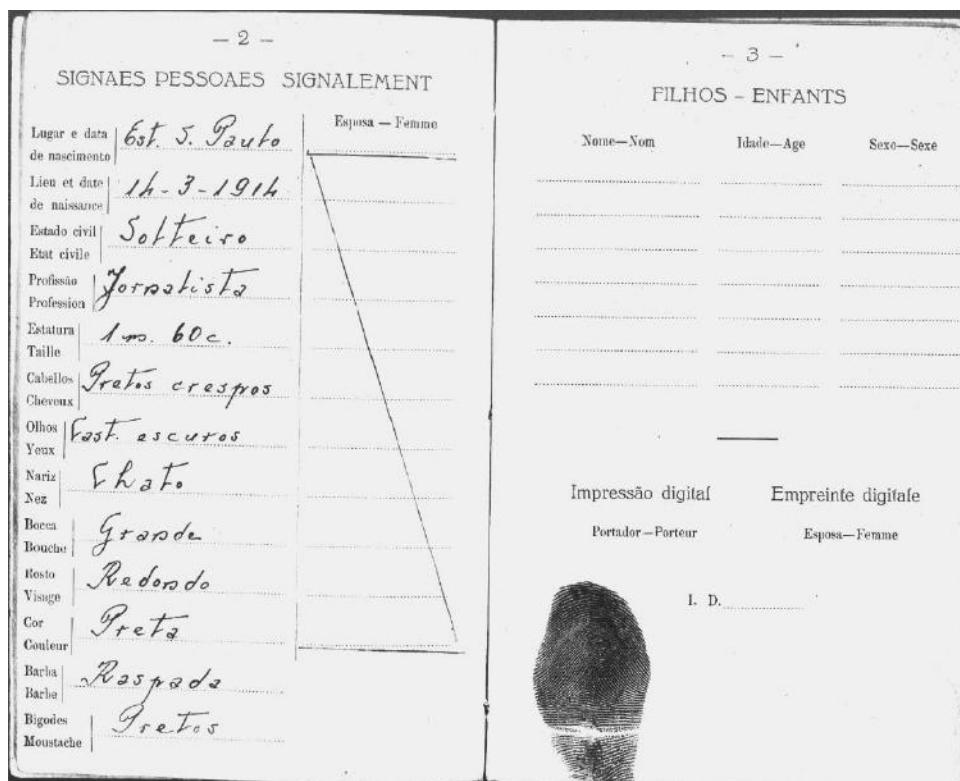
<sup>1</sup> A ideia de democracia racial reside no discurso “da falsa imagem de uma escravidão humanizada, benemérita, com certa “liberdade [...] e isso ocorre sob a justificação frequente da mistura de sangue, raças” (Nascimento, 2019, pág. 36) – a miscigenação, igualmente mitificada como um processo romântico. Foi fortemente disseminado por intelectuais e acadêmicos brancos como Gilberto Freyre em “Casa Grande e Senzala”, e endossado pelo Governo Vargas, pela mídia e imprensa (DIP), e por políticas públicas higienistas.

Em sua última entrevista concedida em vida<sup>2</sup> Abdias declarou: “o legado que eu tenho é o seguinte. Nunca se reter, continuar sempre lutando. A gente quer que a raça vença, e tome conta desse país.”

## 2.1. Jornalista

Os documentos a seguir fazem parte dos salvaguardados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)<sup>3</sup>:

**Figura 1 – Passaporte de Abdias Nascimento**



Fonte: Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Programa “Espelho”, direção e entrevista de Lázaro Ramos. 2009.

<sup>3</sup> Organização que Abdias Nascimento fundou em 1984 junto de sua esposa Elisa Larkin Nascimento que gera, preserva e difunde todo seu acervo e produção intelectual. É reconhecido no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO (MOW Brasil) e no registro de Memória do Mundo na América Latina e Caribe (MOWLAC).

<sup>4</sup> Essa e as seguintes imagens identificadas com a mesma fonte se encontram digitalizadas no acervo do Ipeafro, mas não estão disponíveis para consulta pública online (via site e/ou link). Para consultá-las, é necessário agendamento de pesquisa no acervo da instituição, no endereço Benjamin Constant, 55/ 1101. Glória, Rio de Janeiro. Mais informações em: [ipeafro.org.br](http://ipeafro.org.br)

**Figura 2 – Carteira de associado a APISP**



Fonte: Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)

Do que foi um dia e do que se tornou são aspectos articulados que contam sua história. E no escopo dessa identidade, está sua atuação como jornalista. Bem anterior aos anos de atuação como artista plástico no pós-exílio e aos seus discursos apoteóticos no Congresso Nacional, os documentos são de 1941 e 1942, respectivamente, e pertenceram a um Abdias jovial, na casa dos vinte, de bigode e em função de “disponibilidade” ao jornalismo. Em conjunto, possivelmente, essas sejam as primeiras autodeclarações como jornalista constatadas em acervo. O primeiro documento é um passaporte, documento oficial de identificação em solo nacional que pertenceu a Abdias, e que no campo indicado ao preenchimento da profissão, em manuscrito, exibe a palavra “jornalista”. É algo que de certo modo pode refletir uma escolha, ou arriscaríamos dizer, um planejamento a respeito dos rumos que traçaria para sua vida, visto que já era naquele período formado em Economia.

No final da década de 1930, no Rio de Janeiro, a cidade fervilhava em debates de disputas políticas, e tinha forte protagonismo em atividades artísticas, musicais, de teatro e literatura. Abdias e mais alguns amigos poetas, influenciados pela vida boêmia e pelas articulações intelectuais e sociais que tinham, decidiram formar a Santa Hermandad Orquídea,

algo semelhante ao grupo de amigos de Eduardo, personagem do clássico “O encontro marcado” (1956) de Fernando Sabino. Eram adolescentes amigos entusiasmados pela literatura e por alcançar a limítrofe da vida jovial, em caso de firmarem pactos de escritas selados com fogo, como disse um dos membros Gerardo Mourão<sup>5</sup>. Entre os membros estavam: Abdias Nascimento, Napoleão Lopes, Gerardo de Mello Mourão, e três poetas argentinos, Juan Raul Young, Efraín Tomás Bó e Godofredo Tito Iommi. Eles realizaram uma viagem com múltiplos destinos, sendo o primeiro deles Manaus, no primeiro semestre de 1941. Foi por essa ocasião da viagem a emissão do passaporte.

Ao decorrer da ideia inicial de viajar o mundo, oferecida e planejada em uma mesa de bar, eles precisaram recorrer maneiras de se obter renda. Entre elas, surgiu a ideia de colaborar com revistas:

Nós colaborávamos com diversas publicações. Eu enviaava material para uma revista chamada *Economia*, de São Paulo; Efraín tinha correspondência com uma revista norte-americana; Napoleão escrevia para a Noite Ilustrada, do Rio de Janeiro; o jornal *Clarim*, de Buenos Aires, também recebia nosso material (Semóg, 2006, p.103).

Passaram por Belém, pelos Andes, Peru, Bolívia e por fim Buenos Aires. A estadia em Lima, no Peru, onde ficou um longo período, foi um “grande salto qualitativo” na vida de Abdias. Já alojados na cidade, efetivaram uma aproximação com o vice-presidente e milionário Rafael Larco Herrera durante o primeiro Governo de Manuel Prado (1939-1945). O empresário era o dono do jornal *La Crónica* na época, e lhes rendeu uma oportunidade para que escrevessem para o jornal e recebessem por isso. Além disso, foi em Lima que Abdias assistiu ao espetáculo *O imperador Jones* (1920), do importante dramaturgo norte-americano Eugene O’Neil (1888- 1953), e que tinha como narrativa principal a questão negra.<sup>6</sup> Importunamente, em uma montagem realizada pelo Teatro Del Pueblo, onde Abdias teve outros contatos de formação, o ator branco para interpretar o papel principal, pintou o rosto de preto para interpretar o personagem negro, em um recurso teatral da época evidentemente racista conhecido como “blackface”. Um amadurecimento em relação ao que sua própria imagem

<sup>5</sup> “Fomos armados cavaleiros quando aquele grupo de adolescentes, numa praça de Buenos Aires, resolveu queimar em praça pública tudo quanto até então escrevera, num pacto que se chamou “Pacto del Victoria [...]. Todo o compromisso do pacto foi escrito numa única linha: - “Ou Dante ou nada”. Por isso, queimaram-se todos os versos da “juventilía”. Não teríamos o direito de escrever o já escrito, de dizer o já dito.” Trecho do discurso de Gerardo Mello Mourão ao receber o grau de Doutor Honoris Causa na Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 25 de maio de 1993. Ver mais em: <http://www.secret.com.br/jpoesia/mello05.html>

<sup>6</sup> “No texto, ambientado no Haiti, um homem negro explorado por patrões nova-iorquinos foge após um assassinato e se torna imperador nas Antilhas, adotando uma postura cruel com o povo nativo, até a eclosão de uma revolta. Para o diretor, a peça condensa a experiência do negro no mundo dominado pelo branco, que, tendo o escravizado, liberta-o, atirando-o nos desvãos da sociedade.” Ver mais em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento401127/o-imperador-jones>

significava em cima dos palcos:

Está aí por que eu nunca pude atuar em teatro, por que eu nunca vi ator negro, por que eu nunca vi uma peça só para negros, nunca vi a cultura negra representada no palco: é porque os brancos não deixam (Semóg, 2006, p. 108).

Ele voltou ao Brasil em uma ebulação de pensamentos, e “de forma límpida e definitiva” amadurecido sobre sua condição, foi determinado a fundar um teatro negro partindo do princípio dessa peça. Logo após a fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, a adaptação da peça de Eugene O’Neil feita por Abdias demarca a primeira produção teatral com artistas negros a se apresentar no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1945. Esse que é considerado um dos pontos altos da atuação como militante de Nascimento, é atravessado tanto por uma autodeclaração como jornalista, como pelo próprio exercício da profissão, o que insere no episódio outras segmentações na identidade de Abdias.

Retomando então ao jornalismo, o segundo documento é uma Carteira de Sócio da Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo. Na mesma digitalização da imagem, é possível observar dois comprovantes de pagamentos mensais de sócio, realizados em setembro e outubro de 1942. De alguma maneira, um compromisso com a função de “profissional da imprensa”. A probabilidade é de que Abdias tenha retornado da viagem na primeira metade de 1942, se associado à Associação dos Profissionais da Imprensa de São Paulo (APISP), e depois sido preso. Isso porque, assim que retornou, pela sua ausência, recebeu a notícia de uma condenação à revelia feita pelo Exército. Foi sua segunda passagem pela prisão, desta vez no Carandiru (1943). Lá, funda o Teatro do Sentenciado, considerado um laboratório do desenvolvimento de Abdias na dramaturgia, onde os atores eram os encarcerados. São esses episódios as chaves principais de inspiração para a fundação do Teatro Experimental do Negro.

Duas biografias importantes para entender o contexto biográfico e documental do biografado são: *Grandes Vultos que Honraram o Senado, Abdias Nascimento* (2014), da professora Elisa Larkin Nascimento, e *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas* (2006), do poeta Éle Semóg, com depoimentos exclusivos do próprio Abdias. Eles indicam que a viagem com a Santa Hermandad durou dois anos, mas não especificam a data exata em que Abdias retorna. Entretanto, nesta segunda, Abdias declara ter voltado de Buenos Aires, o último destino da viagem, em 1943. O que não seria possível, visto que a fonte documental<sup>7</sup> comprova sua estadia em São Paulo pelo menos desde agosto de 1942. Além disso, ele relata uma tentativa

---

<sup>7</sup> Conferir em Figura 2.

de abrir um investimento em fabricação de borracha na cidade assim que retorna, o que demandaria um tempo hábil entre a chegada e a entrada na prisão no Carandiru, datada no final de 1943.

A APISP, Associação dos Profissionais da Imprensa de São Paulo, fundada em 1939 pelo jornalista e Deputado Federal Dário Barros, foi uma entidade declarada utilidade pública<sup>8</sup> e que reunia em seu quadro social grupos que exerciam diversas atividades jornalísticas e radiofônicas: de diretores a redatores, funcionários, tradutores, repórteres, agentes de publicidade e assim por diante. Entre eles, o mestre Lino Guedes (1887-1951), importante escritor negro com quem Abdias já havia feito laços na realização no Congresso Afro-Campineiro (1938), onde o autor era o convidado de honra. O pagamento da mensalidade à Associação garantia serviços assistenciais aos associados como ambulatorial e clínico. Sua primeira sede contava com biblioteca, auditório, restaurante popular, e abrigava postos para o registro obrigatório de jornalistas, onde eram orientados e assistidos centenas de profissionais. Era a única, até aquele momento, com essa organização no Brasil e em todo continente<sup>9</sup>. Tinha um posicionamento enérgico frente ao Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945)<sup>10</sup> no que diz respeito à liberdade de imprensa e anistia para os presos políticos do regime vigente.

Ambos os documentos evidenciam a hipótese que o seguinte trabalho pretende defender: que entre as múltiplas capacidades de Abdias Nascimento – considerado um dos pioneiros em pautar ideias para libertação, políticas de ação afirmativa e valorização da cultura negra – está a de jornalista, inserida num período principal da formação de seu pensamento.

## 2.2. Borboletas de Franca

A noção de divindade é um elemento identitário humano e social. Das antigas civilizações do mundo, a mitologia e a capacidade de se crer ou não em uma força superior, propuseram rumos e normas societárias distintas. Partindo do pensamento do professor, jornalista e Obá Aressá no Axé Opô Afonjá, Muniz Sodré, no que se entende do logos euro-cristão, propagado em maior parte pela exploração e colonização europeia pelo mundo, a ideia do conhecimento associado a um Deus “de unidade e essência”, o início e o fim, conta com “duas fontes históricas para uma resposta ocidental [...]: a filosofia grega e a bíblia” (Sodré,

---

<sup>8</sup> Ver em Decreto federal 19.213 – 19: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-19213-17-julho-1945-463190-publicacaooriginal-1-pe.html>

<sup>9</sup> Vem em Projeto de Lei Nº 174-A – 1947: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarIntegra?codteor=1229290](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarIntegra?codteor=1229290)

1999, p. 171). Segundo a bíblia, uma força que se instaura absoluta e que conduz o veredito de que “Deus é, e basta”, e na filosofia grega, como a existência de “apenas um Deus, dessemelhante aos humanos, irrepresentável, apreensível apenas como razão ou lei universal” (Sodré, 1999, p. 172). Na Grécia pré-clássica, “Deus” podia ser identificado por pensadores como *Arkhé*, que significa “um ponto de partida e igualmente uma posição de poder político”, além do “princípio de qualquer ordenamento”. A “Arkhé afro-brasileira”, porém, difere da cristã, segundo Sodré:

A ideia de *Arkhé* não equivale à de um evento inaugural e eterno, um conjunto axiológico dado para sempre e transmitido de uma geração para outra. [...] Trata-se, sim, do *sentido* imanente a símbolos (os orixás enquanto princípios cosmológicos, os ancestrais enquanto suporte da lei de fundação e continuidade do grupo) ativos na história comunitária, portanto da marca de um possível. Pode ser associado ao *logos* heraclitiano, entendido como vigor presente na maneira como cada ente se conduz ou, em outras palavras, como uma linguagem de realização. (Sodré, 1999, p. 177)

Nesta visão, apesar da concepção de um “Deus supremo”, como Olodumare ou Olorum, essa posição não se entende como princípio absoluto, nem se baseia na unicidade. Pelo contrário, é “gerador de outras divindades”. Na cosmogonia nagô, o “*Um*, entendido como completude, é fonte de tédio e morosidade” (Sodré, 1999, p. 175), sendo o princípio criador compartilhado e dividido em dois. Nesta reflexão, a vida funciona em dois planos. É constituída do humano e do que o ultrapassa — o divinal e cósmico. Essas fundações divinas, culturais e simbólicas, não se baseiam somente em leis e estruturas dadas, mas, principalmente, em forças cosmológicas e na comunicação que organiza a forma de ser e viver em comunidade. Um homem é permeado pelo mundo e pelo cosmo, e se constitui de si e do espaço nessa compreensão do “porquê e como o homem foi instalado no mundo”<sup>11</sup> que ritualiza origem e destino, ancorados na cultura africana (nagô-ketu).

Um pouco frente, na cultura de um “homem de *Arkhé*”, Sodré se refere ao iniciado em cultos afro-brasileiros como “um verdadeiro templo vivo” (Sodré, 1999, p. 183), que articula experiências psíquicas atreladas ao místico tanto quanto a identificações psicossociais. É uma força narrativa simbólica na construção de uma identidade pessoal que junta características inerentes a seu orixá, ‘dono de sua cabeça’, às de sua forma física humana.

Abdias foi um filho de Oxum. Apesar de não ser iniciado em culto, certa vez, em uma conversa informal com a professora Elisa Larkin Nascimento, como de generoso costume em reviver nos diálogos memórias de momentos importantes com seu marido, ela me contou

<sup>11</sup> Muniz Sodré em Episódio 2 de “A Cor da Cultura – Mojubá” (2014) disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=a7yAw36EEU8&list=PLNM2T4DNzmq5jtQbw8sgGrx3NwjX\\_Xgw-&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=a7yAw36EEU8&list=PLNM2T4DNzmq5jtQbw8sgGrx3NwjX_Xgw-&index=2)

sobre a ocasião de uma consulta oracular no jogo de búzios realizada em um terreiro — e aqui vale uma pausa para apresentá-la: Natural de Búfalo, Estados Unidos, é mestre em Direito e em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de Nova York (EUA) e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Foi parceira de Abdias Nascimento durante os últimos 38 anos de sua vida, e juntos fundaram, em 1981, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Escreveu diversos livros, entre eles *O Sortilégio da Cor* (2003).

Retomando, na consulta Abdias teria sido informado pelo sacerdote responsável de que sua missão “era do lado de fora”, ou seja, o seu destino estaria no que faria sem a necessidade de ser iniciado em culto. Dentro da cosmogonia iorubá, a divindade *iyabá*, mulher e mãe, dona dos rios, das cachoeiras e do ouro, sobretudo, é uma mulher estratégica e persuasiva. Para Oxum, é o que ela designa e somente isto. É aquela, que segundo um *itan* (história e/ou narrativa em iorubá), venceu um exército sem levantar uma espada. E isso está longe de significar se abster de um combate direto, pelo contrário, é saber como o deve fazer. Muito em Abdias se espelha tais arquétipos. Ao assumir posições que possibilitaram o debate público, a visibilidade e a vulnerabilidade, ele em dado momento se declarou ser “boi de piranha” (Nascimento, 2014, p. 31), demonstrando uma percepção de que sua missão seria então abrir caminhos e possibilitar mudanças significativas para futuras gerações, mesmo que isso custasse estar submetido a quaisquer condições. Uma espécie de isca jogada em um início que não tem fim.

Abdias Nascimento nasceu no dia 14 de março de 1914, coincidência que o liga a outra intérprete do Brasil, Carolina Maria de Jesus, nascida no mesmo dia. Cresceu na cidade de Franca, interior de São Paulo, com seus pais e seus seis irmãos. Apenas 18 anos separam a abolição da escravatura de seu nascimento. Alguns processos envolvendo a transição do regime escravista previsto em lei para o trabalho livre de bases econômicas inalteradas sustentadas pela escravidão podiam ser vistos cotidianamente. São dimensões que permanecem na forma social e que reproduzem a lógica de subalternidade construída em cima da figura dos africanos e seus descendentes no pós abolição, como o professor Muniz Sodré defende em *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional* (2021): “[...] mudou o jogo (estrutura), porém ficaram as peças imersas no imaginário escravista; isto é, nas imagens ambíguas de uma forma social hierárquica.” (Sodré, 2021, p.33)

Josina, como era conhecida Georgina Ferreira do Nascimento, era mãe de Abdias, cozinheira e doceira. Eventualmente, era contratada como ama de leite em fazendas próximas à região de Franca, e nessas ocasiões, acabara levando seus filhos repetidas vezes. Isso formou

retratos na memória de Abdias do funcionamento daquelas casas, que segundo seus relatos, as casas-grandes tinham anexos que não eram senzalas, onde ficavam os escravizados que faziam os trabalhos domésticos. Lá viviam pessoas que foram escravizadas, seus filhos, parentes, e seus descendentes. Mesmo que não estivessem em regime formal de exploração “a estrutura estava mantida, como se nada estivesse mudado” (Nascimento, 2014, p.98). Ele declarou também que nos campos, a maioria eram pessoas brancas, e que “naquela época eu não me dava conta de que o que estava ocorrendo era a substituição em massa da força de trabalho do negro, por causa do fim da escravidão, pela mão de obra remunerada do trabalhador imigrante” (Nascimento, 2014, p. 99).

Os embates contra o mito da democracia racial e a miscigenação como sua justificativa na formação do Brasil, são fatos que ele enfrentaria posteriormente. Entretanto, assim como a maioria das famílias negras que tiveram proximidade histórica de suas vidas com a abolição, o núcleo da família Nascimento não foi exceção ao retrato do Brasil. “Meu pai carregou, durante os seus 93 anos de vida, a dor de ser um filho ‘natural’, isto é, de não ter sido reconhecido pelo pai” (Nascimento *apud* Semóg, 2014, p. 101), diz ele ao se referir a José Ferreira do Nascimento, o “Bem Bem”, e Dona Ismênia, sua avó.

Ismênia foi escravizada e estuprada por um português, que quando soube da gravidez, a presenteou com uma máquina de costura. A professora e ativista negra Lélia Gonzalez (1935-1994) foi uma das responsáveis por descortinar a forma como a miscigenação do Brasil ocorreu pela perspectiva das mulheres negras. Processos de estupro e violência que sofreram, mas principalmente, a participação na formação das culturas negro-africanas através das “mães” e “tias”, que ao ser obrigada a cuidar das crianças brancas, transmitiam a elas seus conhecimentos. Em um contexto em que políticas de extermínio e higienismo, e planos de estado envolvendo o branqueamento nacional estiverem em curso, afirmar que a miscigenação não seria a justificativa da suposta democracia racial brasileira, visto que, “o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação da ‘escrava’” (González, 2018)<sup>12</sup>, significou muito.

Como parte das memórias da infância, o primeiro contato de Abdias com o teatro foi em Franca, especificamente com o teatro de fantoches. Sobretudo, a lembrança é permeada por um contato prematuro com a realidade da rejeição causada pelo racismo. Pelos relatos de Nascimento, ele nunca era escolhido para representar personagens de destaque nas peças escolares, mesmo que demonstrasse dedicação e competência para tal. Toda essa configuração,

---

<sup>12</sup> Coletânea organizada e editada pela UCPA União dos Coletivos Pan-Africanistas

e a rejeição dos professores, fomentaram uma consciência de revolta, mesmo que por ora não tão consciente assim:

Isso tudo já me irritava muito. Eu não sei, até hoje, o que é que eu tinha dentro de mim, que não conseguia me conter. Era um veneno, ou uma semente, ou uma luz, mas o certo é que, desde criança eu reagia contra esse tipo de tratamento. [...] Eu era sempre um problema porque enfrentava essas pessoas [...] (Nascimento *apud* Semóg, 2014, p. 101).

### 2.3. Nascimento de um líder

Nesse momento, é importante considerar o que o sociólogo Stuart Hall nos diz: “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (Hall, 2014, p. 90). A década de 1930 marca momentos históricos importantes para a formação de uma percepção ativista e negra para Abdias Nascimento. Visto as constantes mudanças que fez de sua cidade de origem para o centro de São Paulo e do Rio de Janeiro, e o contexto político-governamental do período, em conjunto, são episódios que evidenciam um processo de construção pessoal e enriquecimento intelectual do jovem francano. Concomitante a isso, é possível dizer que o jornalismo intersecciona esse caminhar inquieto e fervilhá suas ações ativistas iniciais. É o que impreterivelmente aparece na vida de Abdias em seus momentos distintos como militante social ou negro, e quando se torna os dois.

O Brasil passava pelo golpe de estado de 1930, dito pela historiografia oficial como revolução, que decretou o fim da “República Velha” — a famosa alternância de poder entre Minas Gerais e São Paulo —, e alçou o gaúcho Getúlio Vargas ao poder no Brasil, em um governo centralizador que se dividiu em três períodos, sendo eles o Governo Provisório (1930-1934), o Governo Constitucional (1934-37) e a ditadura do Estado Novo (1937-1945). O professor Petrônio Domingues evidencia que: “Para realizar essa empreitada, o movimento golpista contou com o apoio do setor considerado mais progressista da elite paulista, aglutinado no Partido Democrático, fundado em 1926” (Domingues, 2003, p. 201). E, é por isso que, logo após, quando Getúlio Vargas optou por instalar representantes do tenentismo<sup>13</sup> como intervenientes federais, cria-se uma instabilidade política com o PD. Nesse clima de instabilidade política e crise institucional, frente a anseios por direitos constitucionais, o movimento resulta em São Paulo uma guerra armada, a Revolução Constitucionalista de 1932:

---

<sup>13</sup> Participantes de um movimento político identitário e militar realizado por jovens de baixa e média classe do Exército que apoiavam o Governo Vargas.

“De toda sorte, a luta pela constitucionalização do país, pela efetiva autonomia diante do regime federativo, e a própria mística de superioridade de São Paulo frente aos demais estados contagiam a população “bandeirante”, unindo diversos setores sociais e grupos étnicos” (Domingues, 2003, p. 203).

É importante ressaltar que a historiografia é marcada por diversas lacunas, sendo uma das mais notáveis “a ausência da população negra e afrodescendente de alguns episódios que compõem a seletiva memória nacional”. O apagamento recorrente da figura e protagonismo negro de momentos relevantes da estruturação do país. Sobre a guerra, Domingues pontua que:

A história oficial omite a participação dos negros no conflito armado conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932. [...] ninguém ainda descreveu em profundidade qual foi o papel dos negros, em geral, e da **Legião Negra**, em particular, na defesa dos ideais de democratização do país.” A guerra, de maneira geral, teve como resultado principal a aceleração do processo constitucional (Domingues, 2003, p. 203).

Mesmo com emprego fixo e recém-formado em contabilidade, é neste ano que Abdias, obstinado a sair de Franca, mudou-se para a cidade de São Paulo, se valendo do alistamento voluntário no Exército Brasileiro como garantia de sobrevivência. O plano só deu certo porque precisou alterar a data da certidão de nascimento para conseguir seu objetivo, visto que tinha apenas 16 anos. Não tinha nenhuma instrução política ou partidária, tampouco acesso a esse tipo de informação. Porém, o período instável ocasionado pelo intenso debate nacional sobre a reorganização social deu a ele a chance de se envolver no âmbito da movimentação política, principalmente como membro do Exército Brasileiro. De soldado se tornou cabo, e obteve alguns privilégios por ter um diploma, como trabalhar em escritório na maior parte do tempo. Ele inclusive esteve brevemente no conflito armado em 1932, tomou um tiro de raspão e retornou à capital, o que foi importante mesmo para conhecer seu amigo Sebastião Rodrigues Alves (1913-1985)<sup>14</sup>, que lutava em uma frente de batalha próxima.

Ainda no exército, ele passou a distribuir clandestinamente um jornal comunista chamado *Lanterna Vermelha*. Em registro de acervo<sup>15</sup>, essa se trata da primeira atividade ligada ao jornalismo exercida por Abdias. Entretanto, os ideais que ali estavam não o sustentaram interesse durante muito tempo, até que decidiu fundar “um jornalzinho, *O Recruta*, “que chegou a circular por alguns números” (Semóg, 2006, p. 68).

É evidente a histórica capacidade organizativa das populações negras do país na

<sup>14</sup> Assistente social, militante afro-brasileiro, cofundador da Secretaria do Movimento Negro do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e sacerdote de Xangô.

<sup>15</sup> Pesquisa feita no acervo do Ipeafro, instituto responsável pela memória e acervo do jornalista.

conquista de direitos civis, sendo os afro-pindorânicos, além de elemento fundante de tudo que se entende como sociedade brasileira, o pilar de todas as revoluções e insurreições que infringiram mudanças nas dinâmicas opressivas de Estado. A Frente Negra Brasileira (1931), por exemplo, foi “a entidade que mais adquiriu proeminência no cenário do movimento negro” (Domingues, 2003 p. 206) naquele período, em simultâneo ao fenômeno que já atuava há décadas no país, a hoje denominada *imprensa negra*, uma reunião de “jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões” (Domingues, 2007, p. 104), do qual o jornal *Quilombo* (1948) viria a fazer parte futuramente.

A FNB foi o primeiro movimento político negro no período republicano de caráter nacional, uma organização que congregava milhares de pessoas, em estados diferentes, importante para a denúncia da discriminação no país, e inseria no contexto dos conflitos sociais a questão racial. “Uma tentativa de organizar-se em tomo de uma entidade que lutasse pelos seus direitos e, [...] onde pudesse exercer a sua sociabilidade” (Domingues, 2019, p. 249).

Jovem, aos 17 anos, Abdias fez uma breve passagem pela Frente Negra Brasileira. Ele afirmou viver um papel de militante “quase anônimo”, ou seja, com nenhuma formação ou objetivo de estar inclinado às relações raciais. “Eu queria mais era a militância” (Semóg, 2006, p. 78). A passagem foi importante para o amadurecimento de ideais raciais e de coletividade, e na construção de uma identidade que reconhecesse isso: “Foi nesse princípio de militância orgânica que pude começar a sentir e a entender o orgulho coletivo” (Semóg, 2006, p. 78). Foi uma sutura feita naquele momento entre as ideias da cultura e da formação social negra oferecidas como maneira de comportamento combativo, e as movimentações sociais progressistas, de cunho socialista e comunista.

A amizade que criou com Rodrigues Alves após se conhecerem em luta, elevou-se ao nível de uma jornada dupla de descobrimento, uma espécie de parceria de militância e antirracista. E de fato, o que os unia era uma tomada de consciência e a resistência física e agressiva contra episódios de violência racial: “uma espécie de código de honra, que era de resolver as questões com a mesma violência com que éramos atingidos” (Semóg, 2006, p. 79). A junção da jovialidade, e a disposição alimentada pela raiva, os levou a resistir com pancadas a dois episódios racistas ocorridos em bares distintos. Sendo um deles, uma confusão violenta envolvendo o delegado Egas Botelho, superintendente da Delegacia de Ordem Política e Social (Deops), o principal órgão de repressão política do governo de Getúlio Vargas. Depois da tortura envolvendo a captura dos dois, o ocorrido foi responsável pelos seus respectivos desligamentos do Exército:

Com esse desligamento do Exército, começou outra via dolorosa, porque a pessoa que é excluída dessa maneira fica sempre na mira da polícia, e nós já estávamos fichados no Gabinete de Investigações. Era uma perseguição sem tréguas sobre a gente, viramos cartas marcadas em São Paulo. E tinha outro agravante, pois, na nossa luta de buscarmos instrumentos contra o imperialismo, contra o colonialismo, nós também éramos conhecidos como membros da Ação Integralista Brasileira. Isso significava que nós éramos subversivos mesmo, e a todo instante estávamos presos (Semóg, 2006, p. 81).

Analisamos uma matéria do jornal *O Radical*<sup>16</sup> de dezembro de 1937, um periódico pró-getulista, o “único queremista<sup>17</sup> que circulava no Rio de Janeiro” (Costa, 2024, p. 15), que além de traduzir as visões de Getúlio Vargas, se envolvia abertamente na militância de rua em seu favor: “Foi, desde o começo, o esteio impresso dos queremistas, sem ocupar-se de qualquer mascaramento da afinidade política” (Costa, 2014, p. 92). Apesar da evidente postura identitária e apoio à manipulação midiática, a precisão jornalística não parece ter sido questionada. O título “Os extremistas verdes preparavam uma trama sangrenta!” noticia o aparente esclarecimento da Delegacia Especial de Segurança Política e Social sobre a distribuição de panfletos e boletins “que instigavam as classes armadas à indisciplina e à agitação” contra o governo, feitas por membros da Ação Integralista Brasileira (1932).

O Integralismo, liderado por Plínio Salgado, faz parte de uma história dita controversa na trajetória de Abdias. A organização que veio a ser conhecida pelo viés fascista, nazista e racista que se tornou a defender, na manchete do periódico queremista, aparece como razão das ações dos agitadores justificadas “Em nome de Deus, da Pátria e da Família”. A foto de Abdias aparece ao lado de outros componentes, e ele é apontado no texto como um dos principais líderes de “uma propaganda subversiva” contra o governo, sendo este ditatorial, conservador e centralizador. Na outra página da matéria<sup>18</sup>, junto com a notícia revela-se uma lista de nomes de “Redactores de *A Offensiva* e de *O Povo*”, sendo Nascimento um deles. Ele declarou ter sido revisor no *O Radical*, mas por curto tempo, até se engajar efetivamente no *A Offensiva* e no *O Povo* como repórter — os dois periódicos integralistas relevantes da época:

E fui levando assim até que o integralismo criou, aqui no Rio de Janeiro, um grande jornal [se referindo a *A Offensiva*] do qual fui colaborador, antes de trabalhar como repórter no jornal *O Povo*. Foi nesse jornal que tive uma experiência muito amarga, sendo inclusive um dos motivos que me fizeram abandonar o integralismo, pois eu percebi e senti, em alguns setores lá dentro, um certo racismo (Semóg, 2006, p. 82).

<sup>16</sup> Conferir em “Anexo A — Integralismo I”

<sup>17</sup> Um movimento político de classes conservador surgido em maio de 1945 com o objetivo de defender a permanência de Getúlio Vargas na presidência da República.

<sup>18</sup> Conferir em “Anexo B - Integralismo II”

Novamente, a atividade jornalística aqui aparece como condutor das ações formativas e militantes de Abdias, até mesmo como uma habilidade que contribui para a execução de ações insurgentes. O que a matéria não leva em conta é que, neste período, ele e alguns outros detidos já haviam se desligado do Integralismo — o Abdias desde o final de 1936 e início de 1937. É o momento que coincide com sua vinda solitária ao Rio de Janeiro, morando inicialmente no morro de Mangueira, em uma estadia ofertada por um amigo de Rodrigues Alves, e depois em Duque de Caxias. A notícia se trata de fato da primeira vez que Abdias foi preso, na penitenciária da rua Frei Caneca, junto com Tito Guedes Martins Costa, Fernando Alves, Romulo Almeida, Geraldo Campos de Oliveira, e entre outros, a quem ele cita na versão contada em *O Griot e as Muralhas* (2006). Em meio a eclosão da ditadura do Estado Novo, houve mesmo a distribuição dos panfletos, mas, como insurgência contra as tropas americanas que estavam estacionadas na Baía de Guanabara que tinham como objetivo apoiar a ditadura:

Nesse grupo existia um estudante - cujo nome não lembro, mas acho que se chamava **Tito** - que era meio surdo. Isso aconteceu **no bairro da Glória**. Nós estávamos fazendo o serviço da panfletagem, entregando os folhetos de casa em casa, e ele não ouviu a sirene da polícia que estava chegando. Os policiais pegaram em flagrante, quando todos nós já tínhamos fugido em desabalada carreira. Claro que o prenderam na hora e, ali mesmo, **ele começou a apanhar** para dizer quem eram e onde estavam os outros que fugiram (Semóg, 2006, p. 89, grifos nossos).

O jornal justifica que Tito foi interrogado, mas o relato contradiz.

Abdias conheceu os ideais do Integralismo ao lado de Rodrigues Alves, em São Paulo — dois jovens embarcados juntos na missão de militar, declarando ter se identificado com as noções anti-imperialistas e anti-burguesas de uma luta “contra a penetração americana”. Ele não negou ter visto erros e incongruências no discurso, mas diz ter sido importante por ter conhecido personalidades intelectuais de renome, algo como uma oportunidade de ter contato com arte, literatura, e cultura, e no geral, para fugir da inerência social que o apontava para o caminho de marginal visto seu estrato social. Na prisão, o mesmo cenário oportuno de construção humana e pessoal, onde criou vínculos e teve contato com, por exemplo, com presos políticos do Partido Comunista que participaram da revolução de 1935: “a vida na cadeia passou a ser um permanente seminário político” (Semóg, 2006, p. 85).

### 3. Ethos Social: preconceito de cor no Brazil?

Cresci ali envolvidão com a função  
 Na sola do pé bate o meu coração  
 Esse som é do bom, dá uns dois e viaja  
 Nós somos negros, não me importa o que haja  
 O ritmo é nosso trazidos de lá  
 Das ruas de terra sem luzes e pá  
 O fascínio não morre, ele só começou  
 Das festa de preto que os boy não colou  
**Sou o que sou, vivo aquilo que falo**  
 Meu rap é do gueto e não é pros embalo  
 Vagabundo, se for pra somar, chega aí  
 Paguei pra entrar e nunca mais vou sair  
 (“Eu só função”, Dexter, O Oitavo Anjo, 2005, grifos nossos).

Prosseguindo com as noções que Hall nos oferece para a análise da trajetória de Abdias, a formação de uma identidade parece residir na referência a um passado histórico, sendo este utilizado como fonte. Sobretudo, o sociólogo considera a busca por manter correspondência a uma narrativa passada, como a questão de utilizar da história, da linguagem, e da cultura, para produção daquilo no qual nos tornamos. Neste verso de *Eu só função* “O ritmo é nosso trazidos de lá”, por exemplo, é possível reconhecer o que o sociólogo define como “não o assim chamado ‘retorno às raízes’, mas uma negociação com nossas ‘rotas’” (Hall, 2014, p. 91). A lírica do rapper Dexter demonstra a construção de uma identidade material e política, em um local histórico específico, no interior de formações discursivas específicas, neste caso, na especificidade de ser um homem negro brasileiro pertencente ao interior de uma periferia de São Paulo nos anos 2000. É a sutura de uma rotina e a maneira de se ver no mundo, que estiliza com a imaginação representativa a historicização da existência, além disso, o reconhecimento de uma diferença que também o constrói: “Das festas de preto que os boy não colou / Meu rap é do gueto e não é pros embalos”

Preso por cinco meses em 1938, Abdias Nascimento cumpre a condenação e consegue finalizar o curso de Economia na Universidade do Rio de Janeiro. Antes da prisão, ele já havia se mudado para Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, e nesse contexto conhece e se aprofunda nas religiões de matriz africana. Especificamente, no terreiro de Candomblé Angola<sup>19</sup> do importante sacerdote Joãozinho Da Gomeia, o Tata Londirá. Assumidamente homossexual, além de Pai de Santo, Gomeia era dançarino, figurinista,

---

<sup>19</sup> O Candomblé Angola é uma vertente (nação) do Candomblé, uma religião de matriz africana praticada no Brasil, que tem suas raízes nas tradições religiosas do povo Bantu, originário da região que hoje corresponde a Angola, Congo e Moçambique. Essa vertente se distingue das outras, como o Candomblé Ketu (de origem iorubá) e o Candomblé Jeje (de origem ewe-fon), pela sua língua ritual, pelos nomes das divindades e pela forma de culto.

coreógrafo, e tinha uma personalidade marcante enviesada pela cultura e pela dedicação à defesa dos direitos humanos. Em décadas posteriores chegou a ser considerado o “o mais famoso pai de santo do Brasil, com várias aparições na mídia escrita, em rádios, em pelo menos duas produções cinematográficas” (Mendes; Bezerra, 2020, p. 10).

A aproximação com a figura de Joãozinho da Gomeia e seu terreiro, configurou para Abdias uma exorcização, no sentido figurado, da sua criação paterna estritamente cristã-católica que remanescia no seu imaginário. Algumas preconcepções sobre o místico e “exótico” foram rompidas, neste momento também crucial de transição em sua militância. Ao tempo que ia se aprofundando na cultura afro-brasileira, e conhecendo naquele contexto importantes figuras da intelectualidade negra como Solano Trindade <sup>20</sup> e Abigail Moura <sup>21</sup>, se desconectava da configuração que havia apreendido no integralismo e em outros movimentos afastados do seu estrato social. Algo que ele considerou uma nova educação. Tudo isso parecia confluir para o comportamento insurgente que apresentava desde jovem, mas que não era canalizado ainda de maneira satisfatória, e que o próprio encontro com as manifestações negras pela ontologia africana pôde oferecer a ele:

[...] pois antes eu reagia instintivamente contra a discriminação, era uma necessidade de enfrentar aquela opressão como uma atitude de guerra, sem outro fundamento que não fosse a justiça, os direitos do cidadão. Mas, no Rio de Janeiro, havia outra dimensão. Eu pude entrar naquilo que era a alma negra, e compreender as nossas tradições culturais (Semög, 2006, p. 87).

A psiquiatra, psicanalista e escritora negra Neusa Santos Souza (1948-2008) em *Tornar-se Negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983), foi uma das primeiras a oferecer uma interpretação do racismo brasileiro e sua atuação no campo subjetivo e psíquico de pessoas negras. Em sua análise, ela chega à conclusão que o “ser” negro, na subjetividade, não é uma posição dada a priori. Ou seja, o acaso da pele escura e os traços do corpo, ou até mesmo a condição da “diferença” — apresentada ora no lar, com os pais, ou socialmente, como ela demonstra na pesquisa — não são o suficiente para a apreensão de uma identidade que toma a negrura como princípio. Para ela, o que torna possível o ser negro é o momento do tomar a consciência do discurso hegemônico mítico que aprisiona o sujeito negro em uma condição ideológica inferior, e em sua posse, o subverter em uma nova imagem de si mesmo, com parâmetros próprios. Por isso, é “um vir a ser”, ou seja, “torna-se negro” (Santos

<sup>20</sup> Solano Trindade foi um poeta, artista plástico, teatrólogo e militante social brasileiro, reconhecido por sua defesa da cultura afro-brasileira e das questões sociais ligadas ao racismo e à desigualdade. Nascido em Recife, Pernambuco, ele é considerado um dos precursores do movimento negro no Brasil, utilizando a arte como forma de resistência e conscientização.

<sup>21</sup> Abigail Moura foi um importante maestro, compositor e arranjador brasileiro, reconhecido por fundar e liderar a Orquestra Afro-Brasileira, um dos projetos musicais mais inovadores do Brasil no século XX.

Souza, 1983, p. 77).

Além de reformular suas concepções a respeito do candomblé, criando assim suas próprias, baseadas em valores de afirmação, Abdias iniciava o processo do que Neusa aponta como “exercer autonomia”, ou seja, possuir um discurso sobre si mesmo (Santos Souza, 1983, p. 17). Ele passou a frequentar também tanto a comunidade quanto os ensaios do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, a escola de samba verde-rosa, naquele momento recém fundada (28 de abril de 1928). Iria assim se aproximando da tomada de consciência negra-africana:

Esse contato com a religião africana e com as minhas origens me fez meditar, refletir sobre a minha vida e sobre o meu povo. Eu próprio percebia a minha transformação. O mundo em volta tomava outro sentido; ser negro passava a ter outros significados, bem distintos daqueles aos quais os brancos, ou os racistas, tentavam nos reduzir (Semóg, 2006, p. 88).

Logo após deixar a prisão da Frei Caneca, ele organizou em conjunto o 1º Congresso Afro-campineiro, em 13 de maio de 1938. O Congresso com evidente propósito militante-negro, tinha como missão principal combater o racismo e discutir a situação global do negro no país. Participaram da organização Geraldo Campos, Augusto Sampaio, João Gualberto, Jerônimo, e Aguinaldo Camargo (que posteriormente participaria da fundação do Teatro Experimental do Negro). O evento foi um ponto de início das atividades em torno da organização da comunidade afro-brasileira, inclusive, foi onde Abdias declarou ter escrito para Zumbi dos Palmares pela primeira vez.

Quase como um produto do que todos seus encontros até ali produziram, a referência a figura de Zumbi nessa instância, oferece pistas do caminho que Abdias estava prestes a iniciar. Isso porque, considerado um mártir da cultura negra, Zumbi foi um importante líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial. Sendo a primeira sociedade expressiva (em relação ao números) de bases africanas dentro do regime da escravidão no Brasil, localizada na serra dos Dois Irmãos, região elevada do atual estado de Alagoas, é tomada como referência para os estudos sobre quilombos. Beatriz Nascimento (2021)<sup>22</sup> declara ter sido Edison Carneiro quem melhor definiu os quilombos:

Como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos esses aspectos, o quilombo revela-se um fato novo, único, peculiar — uma síntese dialética (Ratts org.; Nascimento *apud* Carneiro, 2021, p. 91).

---

<sup>22</sup> Ratts, Alex (Org.). Beatriz Nascimento: Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Isso é importante, sobretudo, porque a base comunitária dos quilombo e os valores africanos propostos por essa sociedade, são o que inspiram Nascimento a conceituar seu mais perene projeto político, que pauta a refundação da sociedade em bases afro-brasileiras, denominado “Quilombismo”. Segundo Abdias, a carta citada em questão se perdeu (Semóg, 2006, p. 91).

Reconheço que vivi, nesse período, uma situação bastante eclética, diria até que polivalente, mas foi isso que contribuiu para que eu fosse me fazendo aos pouquinhos e me depurando. Essa circunstância, cheia de dinâmica, permitiu que me preparasse para construir e consolidar a minha própria identidade (Semóg, 2006, p. 88).

### 3.1. Submundo

Durante sua viagem com a *Santa Hermandad Orquídea*, o Exército instaurou um inquérito contra Abdias sem ele saber. Mesmo já tendo sido expulso, ele foi condenado à revelia, pela ausência, com a suposta justificativa de ter se recusado a “datilografar um balancete”. Porém, a situação revela uma dupla tentativa de condenação por ter enfrentado a discriminação racial alguns anos antes (1937, no episódio do bar) pelo qual ele já havia sido condenado. Em 1943, assim que retornou do exterior, aos vinte e nove anos, Abdias foi preso pela segunda vez. Deu entrada na Penitenciária de São Paulo, que fazia parte do complexo do Carandiru. Quatro décadas depois, essa mesma penitenciária viria a ser palco da maior tragédia do sistema prisional brasileiro, o Massacre do Carandiru. Na época que Abdias esteve preso, por cerca de um ano e meio, a penitenciária já era conhecida como uma “das mais seguras do mundo”, no sentido de ser mais “repressiva, brutal e violenta” (Semóg, 2006, p. 116).

Ele atravessou o período do cárcere datilografando sua rotina, seus passos, e entrevistando os prisioneiros com quem se relacionava. À essa coletânea de manuscritos, ele deu o nome de “Submundo”, um “romance” que em vida manifestou o desejo de publicar, mas por motivos diversos, só seria publicado postumamente, e apenas em 2023<sup>23</sup>.

Muito se apreende deste momento da prisão na trajetória do escritor, que nos manuscritos não se autonomeava assim<sup>24</sup>. O que ocorre com frequência é o destaque para a fundação do Teatro do Sentenciado — uma companhia de teatro que ele fundou com os sentenciados, onde atuavam, decoravam textos e congregavam. Essa experiência, depois, culminara na fundação do TEN. Entretanto, existem concomitantes questões em curso que, para

<sup>23</sup> A publicação (livro) foi consultada para fins desta pesquisa, visto que segue a versão original deixada por Abdias nos manuscritos datilografados digitalizados e salvaguardados pelo Ipeafro, inclusive as correções feitas à mão que foram incorporadas e consideradas na composição do texto como um todo.

<sup>24</sup> “[...] a mais forte razão desse procedimento reside no fato de não ser eu um escritor” (Nascimento, 2023, p. 25).

mim, exprimem tanta ou mais importância.

Tomando como inspiração aquele que é considerado o primeiro repórter investigativo do Brasil, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, ou simplesmente João do Rio (1881-1921), é possível figurar semelhanças entre a modalidade inaugurada pelo “cronista dos 1900” e Abdias. A passagem para um jornalismo moderno, inaugurada por João do Rio, foi marcada pela transição dos comentários e análises, que pouco informavam, em união ao gênero crônica, para a reportagem de campo e a entrevista. Uma suelta junção literária do que se apreende do espaço vivido (estar nos bares, ouvir as ruas) e o informativo.

Segundo a professora e jornalista Cristiane Costa, o método de apuração de João do Rio já era o de um repórter moderno: “o questionamento das fontes, a circulação por diversos bairros em busca de diversidade, o uso privilegiado das descrições *in loco*” (Costa, 2005, p. 27). Todas essas características, unidas à semelhante curiosidade do repórter e do leitor, são identificáveis nas crônicas de “Submundo”, que reúne dados sobre o que acontecia dentro de uma penitenciária de alta segurança, o porquê de as pessoas estarem ali, e seus crimes (ou não), tudo minuciosamente detalhado.

Costa ainda acrescenta que João do Rio “como escritor, foi antes de tudo um jornalista.” (Costa, 2005, p. 27-28). É exatamente este ponto que entrelaça João e Nascimento. O “escritor” que Abdias declarou não ser, com o jornalista que já era, como havia declarado em seu passaporte. Essencialmente jornalista. Sobre a atuação de João do Rio, Costa vale-se das palavras de Brito Broca:

Machado de Assis, Bilac e outros eram cronistas sem o temperamento de repórteres; o primeiro, principalmente (...) **jamais lhe passaria pela cabeça ir à cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele. Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe para a crônica, a do repórter** (Broca *apud* Costa, 2005, p.41, grifos nossos)

Não passava pela cabeça de Abdias ir à cadeia produzir uma reportagem, a condenação do Exército o levou ao caso de estar lá. Entretanto, é constatada sua intenção de documentar o que aquela passagem significara, e de maneira muito antecipada, trouxe informações sobre as formas institucionais de opressão e condenação social que o sistema penitenciário maquinava: “Pretendo dar-vos uma pálida imagem do que é, realmente, na sua vida cotidiana e íntima, a famosa Penitenciária de São Paulo” (Nascimento, 2023, p. 25).

“Nem sei por quê, Abdias, fui com sua ‘cara’. Conte-lhe toda a verdade que eu nunca disse a ninguém” (Nascimento, 2023, p. 213), diz um dos detentos entrevistados, o 7054<sup>25</sup>. É

<sup>25</sup> Numeração que substituiu o nome do sentenciado dentro da penitenciária.

evidente a capacidade de persuasão de uma figura que consegue fundar, organizar e dirigir uma companhia de teatro dentro da penitenciária. Mas esse trecho destaca especialmente a habilidade jornalística de Abdias em conduzir entrevistas. É tanta que levou o personagem ao pleno estado de confiança e relaxamento, ao ponto de este confessar um crime. Ou melhor, as emoções íntimas antes inacessíveis que o levaram a tal:

[Abdias] – E da noiva. Alguma lembrança?

[7054] – Ela não é culpada do que aconteceu comigo. Mas a verdade é que, desde que nosso romance foi interrompido, meus nervos perderam o equilíbrio. **Tudo o que fiz decorreu daquela paixão** (Nascimento, 2023, p. 212, grifos nossos)

No capítulo “Gângster número um de São Paulo”, no início, Abdias descreve o comportamento do rapaz “calado e arredio”, desde a maneira de andar e segurar as mãos que revelavam inquietudes e um tipo “arisco” de se lidar. A partir de uma aproximação lenta e curiosa, a distância diminui, e Abdias ainda não tinha condições suficientes de acessar as intimidades do entrevistado. Ele descreve no texto, ao mesmo tempo que o entrevista, seu avanço próprio na conquista de acessar a subjetividade do sujeito e as dificuldades que foi enfrentando durante o processo: “Empacou. Não queria falar mais nada” (Nascimento, 2023, p. 212). O capítulo é a ementa da construção narrativa dos manuscritos, que na jornada de Abdias de descobrimento pessoal e interpessoal, chegam ao objetivo final de decifrar nos sujeitos interceptados, íntimas e secretas confissões. No caso do 7054, seus motivos passionais.

Entre a intermitência de uma narrativa oferecida pelos entrevistados e o escrever diário identifica-se a pauta principal: o problema cadente instituído pela forma social escravista brasileira, apresentado por Muniz Sodré, e que configura ao negro brasileiro “uma cidadania de segunda classe, mantida em seu lugar por um racismo não legalmente sistêmico” (Sodré, 2023, p. 39). Uma forma paraestrutural<sup>26</sup>, que atua pelas instituições hegemônicas, neste caso o sistema penitenciário, e que subsiste o racismo em determinadas “práticas intersubjetivas de uma forma de vida enraizada na escravidão que, no entanto, foi política e juridicamente abolida” (Sodré, 2023, p. 37). Observando a distância temporal desse episódio da prisão com o contemporâneo (oitenta anos), Abdias reflete de maneira precursora sobre o estado de condenação social que tem em seu devir o punir pelo estigma e pela origem: “Faça chuva ou faça sol, continuarei, por todos os séculos dos séculos amém, a ser o criminoso que cumpriu sentença na Penitenciária” (Nascimento, 2023, p. 33).

---

<sup>26</sup> “Paraestrutural significa estar fora da estrutura jurídico-política, mas dentro das vontades e das práticas, na medida em que para isso houver margem institucional ou então oportunidade social” (Sodré, 2023, p. 33).

Apesar do contexto anterior à prisão, quando viveu episódios que o levaram a compreensão da sua identidade afro-brasileira, Abdias não cita o recorte racial no diário — pelo menos não nominalmente. Mas nada poderia ser mais antirracista do que uma crítica ao sistema penitenciário brasileiro. No posfácio da edição, a professora Elisa considera que Abdias evitou utilizar de palavras associadas à condição racial principalmente por estar sob constante vigilância, como anuncia no início do livro. Além disso, ela evidencia a existência de uma metáfora construída por ele sobre a vida de um penitenciário e a de qualquer pessoa negra em sociedade racista. É uma clara referência a condição eterna de condenação que o racismo epidérmico brasileiro<sup>27</sup> traça. Uma subcategoria que se constrói socialmente e que atribui poder social, conforme os quadros de referência instituídos; isto é, conforme determinados marcadores semióticos que concorrem para a definição de cor e status (Sodré, 2023, p. 40):

[...] para o povo, eles não eram propriamente criminosos, porém seres caídos em “desgraça”, isto é, **o destino os fizera “desgraçados”**. [...] eu já ouvira falar muito nos pequenos delinquentes, esses seres que mal apontaram para a vida **e já trazem a face tarjada de negro, estigmatizada pelo desprezo e o castigo da sociedade** (Nascimento, 2023, p. 59, grifos nossos).

### 3.2. Jesus Chorou

Dentro da penitenciária, Abdias Nascimento foi transformado na numeração 7349, que substituía o nome do penitenciário, usurpando em certa medida sua identidade e humanidade. Foi desta maneira, entretanto, que ele assinou um ensaio chamado “Esperança e Disciplina” (1943)<sup>28</sup>, redigido dentro da penitenciária e publicado em um pequeno periódico que circulava no complexo: *O Nossa Jornal*. O espaço temporal entre esse texto e a fundação do Teatro Experimental do Negro é de exato um ano — foi publicado na edição outubro/novembro daquele ano, e o TEN foi fundado em outubro do ano seguinte.

O ensaio é uma apresentação de um Abdias cristão-conservador, caso curioso frente aos episódios vividos em sua mudança para o Rio de Janeiro. Alguns trechos revelam sua leitura inclinada a defender a falência do objetivo do sistema penitenciário como: “Quanta vês pensamos tratar-se de um ferós assassino e não passa de pobre mortal que não quis se deixar espoliar do fruto do seu trabalho”. Entretanto, em inúmeras referências ao Deus onipotente cristão, ele assume uma posição conservadora e convicta na “regeneração social” baseada na

<sup>27</sup> O racismo do corpo, aparente: “Aparência, desde a cor da pele até a roupa, é uma categoria que se constrói socialmente e que atribui poder social, conforme os quadros de referência instituídos; isto é, conforme determinados marcadores semióticos que concorrem para a definição de cor e status” (Sodré, 2023, p.40)

<sup>28</sup> Conferir em “Anexo C – Artigo no “O nosso jornal”

disciplina e ordem instauradas pelo sistema penitenciário. A ideia de uma natureza pecaminosa baseada no mito de Adão e Eva que justifica a aceitação de uma vida de condenação na terra como “uma preparação para a vida celestial”, sendo a recuperação divina do “estado de graça” fundamentada na salvação na figura de Cristo, o “filho de Deus”. O fator arrependimento aparece como critério para ressurgir na sociedade, em uma purificação para uma existência melhor. Seria então o encarceramento uma forma de alcançar o arrependimento.

Como apontado anteriormente, Abdiás viveu uma infância influenciada fortemente pelo cristianismo pregado por seu pai, além disso, cumpriu ritos católicos como crisma e primeira comunhão. É importante também considerar que este ensaio, que difere de seus diários, é público. Ou seja, circulava entre todos os detentos, inclusive entre a direção da penitenciária que praticava incessante vigilância. Além de ter sido escrito por uma perspectiva individual, o período da publicação coincide com a recém entrada de Abdiás no complexo, no final de 1943. Em uma comparação deste ensaio com o capítulo “Da regeneração”, de *Submundo*, é possível observar um arco de mudança entre o escritor e o jornalista que Abdiás foi na penitenciária, especialmente no que diz respeito a sua opinião sobre o mundo.

A construção da narrativa no livro é completamente antagônica à ideia do ensaio no jornal, ao ponto de parecer ter sido escrita por uma pessoa completamente diferente. No capítulo, além da ausência absoluta da influência cristã no discurso, o jornalista observa e ouve diversos companheiros no Complexo e tece claras críticas ao sistema judiciário e prisional, que evidentemente funcionam em padrões de desigualdade e opressão. Ele destaca ser a questão da “regeneração” um problema central da penitenciária onde “todos discutem” (Nascimento 2023, p. 247), e afirma não acreditar na hipótese da regeneração as vistas das condições inóspitas de um regime que só “visava explorar e maltratar o preso”. E quando se diz respeito especialmente a reinserção social, que raramente chega a acontecer, “a questão da falta de meio com que reiniciar a vida” é o principal empecilho para se acreditar em uma restituição justa ao indivíduo. (Nascimento, 2023, p. 247).

Um funcionário, certa vez conversando comigo, se admirava de que se preocupassem em dar tudo ao detento, enquanto estivesse aqui dentro, mas quando se tratava de ajudar o pobre a começar a vida, negavam-lhe tudo, tudo. **Isso será desejar sinceramente a regeneração?** (Nascimento, 2023, p. 248, grifos nossos).

Em diálogos semelhantes, ele descreve a situação de um colega com atestado psiquiátrico de “biotipo criminoso” adquirido logo após responder aos psiquiatras o que faria ao sair dali prontamente: “Vou roubar novamente” (Nascimento, 2023, p. 248). Abdiás leva em

conta o contexto social de um sujeito posto em liberdade após a condenação carcerária, sem políticas públicas de apoio à reinserção e socialmente condenado a subjugação, sendo a via da reincidência a única possível — novamente, sem recorte racial: “Ao ex-sentenciado não dão nenhuma oportunidade lá fora: nem a sociedade, nem a polícia, nem ninguém” (Nascimento, 2023, p. 248).

No mesmo parágrafo, ele destaca um aspecto “ainda mais grave” sobre a impossibilidade de regeneração de um indivíduo pelo sistema carcerário, o “que se prende a própria teia psíquica do indivíduo”, fazendo referência a uma característica natural, assim como no ensaio ao jornal, entretanto não de origem cristã, mas a condição que trazemos desde embrião — neste caso, o que é comum a realidade de todos que nascem. A partir da observação atenta o comportamento dos sujeitos e histórias que acompanhou, Abdias atesta uma situação social que afeta a psique daquele que é “perseguido, injustiçado e enxoovalhado” (Nascimento, 2023, p. 249) e volta-se para o mundo com uma reação que só pode ser a violenta.

Pode-se considerar que, mesmo não nominalmente, existe uma compreensão, mesmo que talvez imatura, de Abdias sobre um sistema institucional que é racista. O psiquiatra afro-caribenho francês Frantz Fanon (1925-1961) desenvolveu em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) uma interpretação psicanalítica da experiência vivida pelo negro em um mundo colonizado e as consequências na psique de quem está alocado no lugar do Outro — a outridade estabelecida pelo branco, o “homem verdadeiro” (Fanon, 2020, p.31). Fazendo uma aproximação com o que Fanon apresenta, é possível observar que o jornalista considera as influências sociais e externas exercidas sob um indivíduo estigmatizado, que no pensamento de Fanon e de Sodré, é o negro. Tomando como princípio o reconhecimento de uma formação social brasileira que tem como centralidade o racismo, evidentemente este sempre estabelecerá relações hierárquicas, de desigualdade e de injustiça, que por consequência, afetarão o comportamento e a vitalidade mental daqueles que são inferiorizados.

A mudança drástica de pensamento de Abdias pode ser apontada como produto do que a prática jornalística o ofereceu — as crônicas, entrevistas e ensaios. Sobretudo, o tempo que esteve na condição de penitenciário em convivência coletiva com outros detentos. Em *Pensar Nagô* (2017), Muniz Sodré desenvolve o conceito de “corporeidade”, um estado que leva em consideração o instinto (o sensível) como centro de interpretação, sendo esta noção “uma “máquina” de conexão das intensidades num plano imanente ao grupo”. É uma condição que só acontece em coletivo, que potencializa sua capacidade, e que considera principalmente o princípio do conhecimento pela apreensão, uma espécie de “síntese afetiva da diversidade

cultural que informa os esquemas existenciais, ordenadores da experiência comum" (Sodré, 2023, p. 45).

Essa ideia, então, pode ser aproveitada para analisar como o ensaio e o capítulo do livro foram desenvolvidos:

Num sujeito coletivo, como é o caso do grupo, corporeidade é a coleção dos atributos de potência e ação, **diferente dos atributos individuais**, do mesmo modo que um grupo é diferente de seus membros constitutivos (Sodré, 2017, p. 123, grifos nossos).

Diferentemente do ensaio no jornal, escrito sozinho, sem entrevistar outros prisioneiros, e em recém-chegada à prisão, o capítulo do livro é construído com relatos e experiências terceiras, casos esses que, se não fosse pela corporeidade, Abdias não teria acesso. Ademais, a soma da sua condição individual e sua trajetória de vida, com as que conheceu durante as conversas e a própria convivência em grupo, faz parte do conhecimento que ele espelha no livro, e que só pôde ser adquirido pela experiência de estar no Carandiru. Ainda segundo Sodré, "o saber não apenas se adquire, incorpora-se" (2017, p. 124), e dessa maneira, é possível visualizar nesse arco, Abdias incorporando o que aprendeu como jornalista em sua materialidade pessoal.

#### 4. Problemas e Aspirações do Negro Brasileiro

O Teatro Experimental do Negro (1944) é considerado um marco na reorganização política do movimento negro. A passagem pelo Carandiru parece não ter somente inspirado Abdias a fundar uma companhia de teatro, mas a amadurecer suas ideias a respeito da formação social brasileira. Em conjunto com outros militantes no Rio de Janeiro, ele fundou uma companhia de teatro majoritariamente negra pensada para a valorização e afirmação da cultura afro-brasileira. Entretanto, foi responsável por inúmeras outras ações de caráter mais amplo. Foi pioneira, por exemplo, ao levar ao palco do Theatro Municipal pela primeira vez uma companhia de teatro negra. Além das iniciativas artísticas já citadas, o TEN organizou o I Congresso do Negro Brasileiro (1950), fundou com o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE) o Comitê Democrático Afro-Brasileiro (1945), que lutava pela anistia dos presos políticos do Estado Novo, promoveu cursos de alfabetização e os concursos que elegeram a Rainha da Mulata e da Boneca e o de artes plásticas, tendo como tema o Cristo Negro. A revolução principal era a reivindicação ao direito à cidadania, em todas as medidas, na qualidade dos direitos humanos, a partir do reconhecimento de uma condição da desigualdade racial latente no país.

Em 1945, na Convenção Nacional do Negro Brasileiro, o TEN articulou a criação de uma legislação antidiscriminatória para o país, apresentada posteriormente pelo senador Hamilton Nogueira à Assembleia Nacional Constituinte. A Convenção apresentou o Manifesto à Nação Brasileira reivindicando que a nova Carta Magna explicitasse a origem étnica do Brasil, definisse o racismo como crime de lesa-pátria e punisse a sua prática como crime. Mas, para que o racismo fosse considerado crime, o Brasil precisaria então assumir a própria existência da questão racial, e da condição de exploração e desigualdade na sociedade, o que era inviável para aquele momento. Isso só ocorreu de maneira plena quatro décadas depois, na promulgação da Carta Constitucional de 1988, com a Lei nº 7.716<sup>29</sup> que torna o racismo crime inafiançável.

O caráter organizativo e coletivo negro do TEN, liderado pela figura de Abdias, imprime um desenvolvimento aguçado das suas noções como ativista. Para além disso, figura importância representativa no contexto do fim de um governo autoritário (o Estado Novo de Vargas) do pós-guerra (1945-1964) e do início do Governo Dutra (1946-1951). Com o momento da queda da repressão ditatorial que supriu durante anos alguns movimentos

---

<sup>29</sup> Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7716.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm). Acesso em: 23/10/2004

militantes sociais, sobretudo os negros, “ressurgiu, na cena política do país, o movimento negro organizado que, por sinal, ampliou seu raio de ação” (Domingues, 2007, p. 108). É a partir dessa década que se inicia o que Domingues classifica como “segunda fase do movimento negro” (Domingues, 2007), sendo o Teatro Experimental do Negro uma das mais relevantes organizações críticas, que se integra à Segunda República, no sentido de permanecer e influenciar culturalmente, esteticamente e intelectualmente outros movimentos que surgiram (Guimarães, 2001).

Pode-se considerar então que o TEN e seus desdobramentos são momentos decisivos na trajetória militante e intelectual de Abdias. E, assim como nas passagens pelo Integralismo e pelo Carandiru, o jornalismo aparece repetidamente como condutor de sua formação crítica. Em março de 1946, Abdias deu início a experiência mais concreta em relação ao regime de trabalho “oficial” como jornalista — antes da fundação do jornal *Quilombo*. Como redator e crítico de teatro, como exibe a carteira nº174<sup>30</sup>, o jornalista foi funcionário do *Diário Trabalhista* (1946), onde permaneceu até 1948. O periódico fundado em janeiro daquele ano, era de propriedade de Eurico de Oliveira (1903-1998)<sup>31</sup>. Na data de lançamento do jornal, Abdias estreou como diretor de uma coluna voltada para a população afro-brasileira, intitulada “Problemas e Aspirações do Negro Brasileiro”, que tinha como conteúdo central as entrevistas, anunciadas como uma “enquete”, para atestar a existência ou não de uma problema do negro no Brasil. Segundo Abdias, o “único jornal que trata dessa questão de maneira sistemática, dedicando-lhe diariamente espaço onde publica a depoimentos, comentários e estudos” (Diário Trabalhista, 16/03/1946).

Importante destacar que o nome da coluna inspirou posteriormente o do jornal que fundou no TEN: *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro*. Também colaboravam como redatores da coluna Sebastião Rodrigues Alves, seu amigo de longa data, Ironides Rodrigues e Aguialdo Camargo, que participaram diretamente também da fundação do Teatro Experimental do Negro e do Comitê Democrático Afro-Brasileiro. Os redatores chegaram a entrevistar quarenta pessoas para a coluna (Guimarães; Macedo, 2008), entre elas grandes nomes como Guerreiro Ramos e Solano Trindade, com destaque para as participações na Convenção Nacional do Negro. Guimarães e Macedo em *Diário trabalhista e democracia racial negra dos anos 1940* realizaram uma pesquisa minuciosa sobre o periódico,

<sup>30</sup> Conferir em “Anexo D – Carteira de funcionário no Diário Trabalhista”

<sup>31</sup> Carioca, filho do jornalista Domingos Alves de Oliveira. Formado em direito pela Faculdade Cândido Mendes, trabalhou como jornalista em jornais como Correio da Noite, A Pátria, Jornal do Brasil, O Imparcial e A Noite, até fundar o Diário Trabalhista. Nas eleições de 1950, candidatou-se a deputado pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, conseguindo apenas a suplência.

especificamente sobre a coluna que Abdias Nascimento dirigia. Eles citam Marieta de Moraes Ferreira para definir o conteúdo, que a despeito de exibir

[...] uma orientação política de caráter trabalhista, o jornal visava, na verdade, garantir respaldo popular para o governo Dutra, com quem possuía ligações. Embora Eurico de Oliveira tivesse realmente compromissos com o trabalhismo, chegando a candidatar-se a deputado pelo Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, em 1950, o jornal teria, no fundo, restrições às posições petebistas, preocupando-se basicamente em defender o governo (Guimarães; Macedo *apud* Ferreira, 2008, p. 145).

#### 4.1. O problema do negro

No texto de lançamento da coluna, em janeiro de 1946, os redatores expõem alguns argumentos sobre quais seriam então os problemas nacionais. O texto inicia com “No Brasil não existem preconceitos de raça” (Diário Trabalhista, 1946, p. 5), alegando ser essa uma restrição superada “pela inteligência de homens de côr”. Em seguida, utilizam a situação do racismo dos Estados Unidos para defender que lá os negros construíram nessas condições uma civilização negra e paralela tão grandiosa quanto a dos brancos. Segundo Guimarães e Macedo, o argumento — vale relembrar, defendido por outros redatores também — parece estabelecer como verdade a capacidade intelectual dos negros. O texto prossegue ainda ressaltando para os problemas do Brasil, como a pobreza e a educação precária, na visão deles, “um problema de massa da população brasileira, ela mesma mestiça, preconceituosa e iletrada” (Guimarães; Macedo, *apud* Diário Trabalhista, 2008, p.150). Os professores avaliam como possível reflexo desse pensamento a “pobreza intelectual do movimento negro” daquele momento, que era visível em vários aspectos como “ausência de uma teoria sólida sobre os problemas negros; inexistência de uma proposta política autônoma [...]”, ausência de legitimidade intelectual” (Guimarães; Macedo, 2008, p.150), ou seja, a necessidade de um líder legítimo que representasse o pensamento negro, independentemente de figuras como Arthur Ramos e outros intelectuais brancos.

Dois meses depois, Abdias já demonstrava interpretar a questão racial no Brasil por um viés mais amadurecido. A exemplo de reconhecer o “problema do negro no Brasil” em uma entrevista com Walter Cardoso<sup>32</sup>, na qualidade de jornalista Abdias diz querer ouvir a todos sobre a temática, sem exceção. “Hoje, já não é mais possível alguém dizer que a questão do preto entre nós é uma invenção de racistas negros”, escreve ele, ressaltando a incompleta integração dos negros na sociedade e os efeitos do falseamento de uma igualdade, e/ou “disfarce

---

<sup>32</sup> Conferir em “Anexo E – Diário Trabalhista I”

igualitário” — a democracia racial:

[..] **trilhando o caminho largo e ensolarado da Democracia**, vamos removendo os entulhos, as mentiras, que sufocando um grande povo sob uma falsa legenda de igualdade social, vêm retardando a integração efetiva do afro-brasileiro na comunidade nacional (Diário Trabalhista, 1946, p.6, grifos nossos).

O trecho que associa a construção da democracia ao fim do racismo, pode ser contemporaneamente visto em uma frase da Coalizão Negra por Direitos, importante coletivo de organizações do movimento negro contemporâneo: “enquanto houver racismo não haverá democracia”. De acordo com Guimarães e Macedo, do conjunto de redatores da coluna, Abdias do Nascimento “é o mais refinado politicamente” (Guimarães; Macedo, 2009). É evidente que seu pensamento, naquela década, já refletia o diagnóstico do racismo como uma questão nacional e a imprecisão da abolição em oferecer ideias de equidade econômica e trabalhista ao negro, o que seria retomado anos mais tarde por Florestan Fernandes (1965) e Clóvis Moura (1959). É antecipar em algumas décadas a percepção de que a abolição, do modo como foi feita no Brasil,

[...] jogou de uma hora para outra a população negra em um mercado de trabalho no qual não tinha habilidades para competir: A base puramente romântica da campanha abolicionista, a ausência de estudos sociológicos objetivos em torno da situação e do futuro da raça e do povo brasileiro permitiram que os africanos e seus descendentes fossem libertos do jugo escravocrata e se vissem de uma hora para outra sem casa, sem comida, e sem trabalho (Guimarães; Macedo apud Diário Trabalhista, 2009, p. 148).

Ecoando o discurso corrente do movimento negro daquela época, que viria a ser abandonado à frente, Abdias falava em “Segunda Abolição”, que significava reivindicar uma “efetivação real, concreta, objetiva e dinâmica daqueles direitos de igualdade que a Lei e a Constituição do país asseguram aos homens de cor desde 1888” (Diário Trabalhista, 06/1946)<sup>33</sup>, e atestar que o Estado age de modo inconstitucional frente à condição do negro no Brasil, não garantindo o direito fundamental à cidadania. Novamente pautando o que só viria a ser estabelecido no Brasil com a Constituição de 1988, a matéria tem como título “Crime, - o preconceito de côr e de raça!”, que dá o tom radical do posicionamento em um período que ir contra a ideia de harmonia racial era pouco ou quase absolutamente não aceita.

Analisei algumas colunas escritas entre janeiro e julho daquele ano e, esporadicamente, algumas dos meses seguintes. Abdias parece prosseguir com a habilidade em entrevistar que aprimorou com os manuscritos no Carandiru, sendo essa a principal modalidade das

---

<sup>33</sup> Conferir em “Anexo F – Diário Trabalhista II”

reportagens. Em todas, ele é um repórter participante, que se insere na narrativa, conduzindo introduções e conclusões com opiniões explícitas. Observei também a articulação da escrita jornalística com a literária em alguns casos, clássica em modalidades do novo jornalismo. Nos primeiros parágrafos da entrevista com Synval Silva<sup>34</sup>, Abdias descreve detalhes do cenário, como em uma crônica, e apresenta sucessivamente informações do que parece estar vendo até o encontro com o entrevistado. O clima, o movimento das ruas, e o que geralmente passa despercebido em reportagens tradicionais, cujo objetivo é puramente informacional:

Todo mundo suava. O calor estava mesmo de amargar. Ali naquela vitrina, o ursinho de feltro branco parecia desesperado [...]. O borboletinha da rua Carioca, gente que vai e que vem, parecia aumentar o mormaço opressivo. No meio dessa calorenta confusão da rua carioca topamos com o Sinval Silva ainda mais afobado do que outros [...]. (Diário Trabalhista, 1946, p.5)

Depois de certo tempo com as enquetes, a escrita orbitava em defesa do argumento principal: a existência de uma realidade opressora aos negros. Chega, inclusive, em certos momentos, a claramente apontar suas discordâncias em relação aos entrevistados, apontando ao leitor o que considerava falho nas respostas obtidas. Um caso é o depoimento, enviado em forma de carta ao *Diário Trabalhista*, por Laurindo Pompilho da Hora<sup>35</sup>. Na coluna, em resposta ao trecho da carta que Laurindo diz que “os negros do Brasil, a diferença dos Estados Unidos da América do Norte, nunca criaram um movimento separatista, não porque não quisessem [...], mas porque nunca tiveram a força e a capacidade” (Pompilho da Hora *apud* Diário Trabalhista, 1946, p.6), Abdias escreve:

Ora, quer nos parecer que o fato do professor Laurindo haver estudado na Itália, onde passou quase todos os anos de sua existência ainda jovem, não lhe permitiu conhecer mais objetivamente a realidade do negro no Brasil. Porque o negro brasileiro se nunca criou movimento separatista, é porque jamais quiz ou sentiu necessidade de assim proceder” (Diário Trabalhista, 1946, 1946, p.6)

Abdias realizou uma entrevista com seu amigo Ironides Rodrigues<sup>36</sup>, definido por ele como um “crítico literário dos mais argutos e sutis”, que empunhava a bandeira da valorização da sua gente e “contra o complexo de inferioridade”. A introdução da entrevista é feita pelo jornalista a partir do discurso realizado pelo senador Hamilton Mourão na Assembleia Constituinte sobre o problema do negro no Brasil: “Foi a primeira vez que tal assunto foi ventilado no Parlamento desde a abolição da escravatura [...]” (Diário Trabalhista, 1946, p. 5). É possível constatar um semelhante refinamento intelectual na fala de Ironides, que disse ser preciso não esquecer que houve uma civilização negra no continente africano. O

<sup>34</sup> Conferir em “Anexo G – Diário Trabalhista III”

<sup>35</sup> Conferir em “Anexo H – Diário Trabalhista IV”

<sup>36</sup> Conferir em “Anexo I – Diário Trabalhista V”

posicionamento é uma resposta a uma afirmação do polímata Silvio Romero, que afirmava não existir exemplo de civilização negra, e que a única, a do Egito, era branca. Um discurso muito comum de sustentação do racismo. A proposição do revisionismo histórico dessas civilizações, considerando origem, cultura, organização social e civilizatória, é uma das vias pelas quais a intelectualidade negra moderna utilizou para desenvolver o pensamento acerca do racismo, como Beatriz Nascimento. Ironides, alçado dessa compreensão, também destaca o fato dos museus renomados da Europa “enriqueceram-se com objetos roubados da “arte africana”. Abdias finaliza a entrevista afirmando que a palestra de Ironides é “saborosa”, e que identifica em sua fala “precisão e elegância”.

O feminismo negro contemporâneo, encabeçado no Brasil por Lélia Gonzalez, também defende que o lugar que as mulheres negras ocupam determina a interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. González (1980)<sup>37</sup> oferece uma mudança de perspectiva sobre a contribuição da mulher negra na formação do Brasil, e que foi ao custo da exploração dessa população, que o país se ergueu. Atestou a posição social desfavorável da mulher negra em relação a todas as outras categorias sociais, mas também, principalmente, sua potência e participação efetiva nas lutas, na intelectualidade, na religiosidade e assim por diante. Para Abdias, já naquela década, não havia dúvidas de que o gênero era um fator condicional da violência racial, e que sobretudo, a luta pelo reconhecimento do problema do negro passaria necessariamente pela questão das mulheres.

Na entrevista intitulada “As mulheres negras também reivindicam seus direitos”<sup>38</sup>, Abdias conversa com Maria de Lourdes Nascimento, assistente social que posteriormente dirigiu uma coluna no jornal *Quilombo*, Ruth de Souza, a estrela de “Orfeu Negro” e atriz do TEN, e Nair Gonçalves, atriz formada pelo TEN. Nesta coluna, o jornalista diz inicialmente que o “movimento pró reivindicação da raça” conta com o apoio interino do trabalho da mulher negra. “Nem podia ser de outra forma quando sabemos que a mulher negra arca com um pesado ônus de lutas, de sacrifícios, de abnegação, dificilmente suportados pela mulher de outra qualquer raça”, observa (Diário Trabalhista, 1946, p.5). Ele segue fazendo um revisionismo histórico do papel que a mulher negra ocupou durante a escravidão, quando sofreu “abomináveis assaltos em sua honra e dignidade pessoal”. O momento que destaco da entrevista é o seguinte: “à mulher negra – **mais do que ao homem negro** – impedem de subir na escada social, e desfrutar uma existência de conforto e respeito **em igualdade de condições com suas**

<sup>37</sup> Racismo e sexismo na cultura brasileira *In* Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras. São Paulo: UCPA Editora, Diáspora Africana, 2018.

<sup>38</sup> Conferir “Anexo J – Diário Trabalhista VI”

**irmãs de outra côr”** (Diário Trabalhista, 1946, 1946 p.5, grifos nossos).

Naquele momento, quarenta décadas antes da percepção que Lélia definiu de maneira majestosa, circulava já entre os membros do Teatro Experimental do Negro a ideia de que a base da pirâmide social era ocupada pela mulher negra, e que, a opressão condicionada somente ao gênero, não colocava em pé de igualdade mulheres negras e brancas.

O resultado das “enquetes” não inaugurava uma ideia, mas de certa forma, fazia circular o assunto que estava entre as comunidades negras, especialmente as vinculadas ao ciclo de Abdias naquele momento — e alguns brancos com os quais ele e seus amigos fizeram parcerias. De maneira incidental, a articulação da coluna tornava radical a resposta ao pressuposto de uma harmonia racial no país: existe sim um problema do negro no Brasil. E o fato de as entrevistas serem numerosas e variadas criava uma base para que Abdias e os outros colunistas confrontassem a ideia de que eles estivessem “criando” um problema do nada, sem argumentos. Como observado, questões envolvendo a abolição, as condições de trabalho e a desigualdade eram frequentemente citadas para justificar a posição desfavorável do negro. Além disso algumas outras respostas que afirmava a existência do problema aparecem justificadas pela

alienação econômica e social dos negros na pós-Abolição; preconceito de cor e inaceitável discriminação dos negros no comércio, nas Forças Armadas e no Itamaraty; o sentimento de inferioridade dos próprios negros (Guimarães; Macedo, 2008, p. 172).

As “soluções” frequentemente apresentadas tanto pelos entrevistados, quanto por Abdias e pelos outros editores, seriam “a mobilização dos próprios negros e sua representação política autônoma no sistema eleitoral” (Guimarães; Macedo, 2008, p. 172). O princípio da organização negra que se baseia nas próprias produções e se inspira na cultura afro-brasileira, o Quilombismo. Sair da posição do objeto estudado, e ser quem vai estudar, assim como, tratar com dignidade e sem exotização a questão negra. Abdias cedo entendia que a emancipação só poderia ser feita com organizações que fossem criadas, gerenciadas e comandadas por pessoas negras, assim como, os cargos institucionais de poder. Talvez, tenha sido essa a motivação de transformar a coluna no *Diário Trabalhista*, em um jornal próprio, fundado e construído inteiramente por pessoas negras, o jornal *Quilombo*.

#### **4.2. Jornalista negro**

No ano seguinte, 1947, Nascimento se filiou ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais

do Rio de Janeiro<sup>39</sup>, uma associação civil, de natureza sindical, sem fins lucrativos, constituída para a representação da categoria profissional dos jornalistas. A associação a um sindicato significa estar a favor de assegurar os direitos no âmbito da profissão, o que sugere uma dedicação em certa medida compromissada e de cunho político organizativo. Ser jornalista há tempos não estava mais somente no campo das ideias. Até então, o economista, dramaturgo e diretor de uma companhia de teatro afirmava mais uma atitude para se consolidar na profissão.

Seguindo os ideais que defendia, se desassociou do *Diário Trabalhista* para fundar seu próprio periódico nas dependências do TEN, o jornal *Quilombo*. Seu primeiro número circulou em dezembro de 1948 e se manteve ativo por dez edições seguidas até 1950. Na primeira edição<sup>40</sup> do jornal, no artigo “Nós”, Abdias já dava pistas sobre as medidas que pretendia utilizar na luta por libertação, como o princípio da luta em coletivo, como ele elaborou posteriormente: “promover a unidade como um valor, significa dar a ela primeiro um sentido de libertação da dependência neocolonialista” (Nascimento, 2019, p. 99). Essa maneira de se organizar pelos próprios meios, a partir dos ideais negro-africanos, e conduzir um jornal com autonomia, partia da inspiração estrutural e sistêmica do Quilombo. Ainda no início, Abdias diz que eles, os redatores, saíram ao encontro de pessoas que acreditavam que os negros quem criavam um problema para o país — uma referência ao que fazia no *Diário Trabalhista* com a enquete. Em seguida, ele afirma que o problema da discriminação de “côr e de raça” no Brasil é um fato, [não uma invenção], citando o senador Hamilton Mourão como argumento.

Destaco o seguinte trecho: “Porém a luta de QUILOMBO não é especificamente contra os que negam nossos direitos, sinão em especial para **fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura**” (Quilombo, 1948, grifos nossos). À luz de um revisionismo histórico, definir o quilombo como produtor e criador e não somente como refúgio ou resistência a uma opressão, foi o pensamento propulsor de toda a ideia do Quilombismo, e que configura diretamente a construção do pensamento negro moderno, como no caso de Beatriz Nascimento. O batismo do jornal carrega em si também a própria ideia do que o veículo se propõe a fazer: “O esforço de QUILOMBO é para que o negro rompa o dique das resistências atuais com seu valor humano e cultural” (Quilombo, 1948, p. 1). Evidentemente, isso significa valorizar diretamente a cultura, a arte, o pensamento, e a música “como expressão étnica do grupo brasileira mais pigmentado”.

Na mesma edição, o apoio de algumas pessoas brancas, logo nas primeiras páginas,

---

<sup>39</sup> Conferir em “Anexo K – Carteira do Sindicato de Jornalistas Profissionais”

<sup>40</sup> Conferir em “Anexo L – Quilombo 1ª edição”

configura uma estratégia interessante na sustentação do argumento sobre o problema de cor no Brasil. Afinal, são as pessoas que criaram o dito problema que precisam responder se ele existe, e resolvê-lo. Ainda na primeira página, um importante nome da década, Nelson Rodrigues, escritor e autor da peça *Vestido da noiva*, declarou ser “ingenuidade ou má fé negar o preconceito racial nos palcos brasileiros” (Quilombo, 1948, p. 1), e seguiu fazendo uma sincera declaração sobre o “desprezo”, em todos os sentidos, do teatro brasileiro em relação ao negro. A escritora Raquel de Queiroz, uma das escritoras mais ativas do momento, redigiu um extenso artigo<sup>41</sup> em réplica a alguém que havia dito ser uma “invenção artificial o problema da gente de côr”. Raquel reúne uma série de situações reais de discriminação e crimes envolvendo o racismo para exemplificar a existência de uma opressão vivida por essas populações. Destaco o seguinte trecho:

Porque o branco, assim que se engravate e tenha dois vinténs no bolso, sai automaticamente da sua classe, ascende socialmente e penetra onde quiser. **Enquanto o negro, de gravata ou sem gravata, é sempre negro**, e nem com dinheiro, nem com educação, verá abertas diante de si as restrições acima enumeradas (Quilombo, 12/1948, n.1, p. 2, grifos nossos).

A mesma edição, assim como as seguintes, contou com a participação de importantes intelectuais da época como Haroldo Costa, ator do Teatro Experimental do Negro, Edison Carneiro, um dos mais destacados etnólogos da cultura afro-brasileira, Guerreiro Ramos, forte expoente do pensamento negro brasileiro moderno e Ironides Rodrigues. Aparecem ainda em uma entrevista Ruth de Souza, e um artigo escrito por Eugene O'Neill. Tanto o teatro como o jornal, inauguram um novo momento para a intelectualidade política e ativista de Abdias, que como um agitador cultural, usou de sua capacidade agregativa para reunir nomes significativos ao propósito dos projetos. Tratou-se do cumprimento da missão do quilombo, de um pensamento organizado por mãos negras, para pautar principalmente suas produções e culturas.

O jornal *Quilombo*, assim alguns outros importantes à época, integrou o movimento da chamada imprensa negra, atuante desde o período do Império, e que abriga um conjunto de jornais e periódicos publicados no Rio de Janeiro e em São Paulo que tinham como objetivo trazer a questão negra para o centro do debate social e político. O periódico *O Homem de Côr*, de 14 de setembro de 1833, que a partir de sua terceira edição passou a se denominar *O Mulato*, foi o precursor desse movimento de “jornais criados e mantidos por afro-brasileiros [...] dedicados a tratar de suas questões” (Domingues, 2019, p 267). Em movimento constante de crescimento, Domingues elenca alguns destes periódicos nascidos na primeira república como

---

<sup>41</sup> Conferir em “Anexo M – Artigo de Raquel de Queiroz no Quilombo”

*A Verdade* (1904), *O Baluarte* (1903), *O Menelick* (1915), *O Clarim d'Alvorada* (1924). E no período da Era Vargas e Segunda República: *Raça* (1935), *A Voz da Raça* (1933), *Tribuna Negra* (1935), *Alvorada* (1945), *Evolução* (1933) e *Senzala* (1946). Ainda segundo Domingues:

Os jornais da imprensa negra não seguem um padrão unívoco ou discurso monolítico, porém apresentam semelhanças entre si, tanto no que diz respeito aos aspectos gráficos quanto no que se refere ao seu conteúdo (Domingues, 2019, p 269).

Se concretiza, então, com a fundação do jornal, a caminhada de Abdias como jornalista. O que nos intriga é como o autor parece não ter se preocupado em se autodeclarar no *Quilombo* como um “jornalista”, tão pouco como um “jornalista negro”. Outro ponto pertinente é que, nas duas biografias analisadas nesta pesquisa, Nascimento não cita sua passagem pelo *Diário Trabalhista*, assim como não existem menções longas ou relatos de como fora sua passagem pelo periódico, que inegavelmente, se caracteriza como um celeiro para a fundação do seu próprio jornal posteriormente. As razões não são claras para tal ocorrido, além do fato dos anos seguintes terem sidos sucedidos por uma prioridade efetiva na sua atuação intelectual.

Ao toque da época, e ao observar o regime das instituições de comunicação que conservam nas lideranças perfis majoritariamente masculinos e brancos até a atualidade<sup>42</sup>, o jornal *Quilombo* apresentou uma noção editorial que priorizava uma identidade política negra, em centralidade, frente a um pilar ideológico de formação cidadã que consta historicamente com uma situação pós abolicionista ineficiente (Sodré, 2023) e que opera por discursos que funcionam enviesados a normalizar uma suposta subalternização racial e o apagamento da memória afro-brasileira. Em linhas gerais, em uma estrutura completamente desafiadora para a década, e em contraposição aos fins mercadológicos, o jornalismo dirigido por Abdias sofisticou o tratamento da informação e da notícia enquanto propunha pensar fora das lentes do “universalismo” pelas suas narrativas.

Há pouca ou nenhuma referência a esse trabalho precursor nos estudos de comunicação, o que abre margem ao questionamento para as condições de não assimilação de Abdias Nascimento como jornalista. Por mais que em comparação com suas atuações que ganharam mais visibilidade, como político e militante, suas atuações na área foram suficientes para referenciá-lo nesse sentido.

Trata-se de refletir a maneira de atuar do próprio jornalismo, impregnada de “um

---

<sup>42</sup> Segundo um levantamento realizado pelo **Reuters Institute**, no Brasil e na Alemanha, nenhum dos grandes veículos de mídia online e offline pesquisados possuí pessoas negras em cargos de chefia entre 2021 e 2024. Ver mais em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/race-and-leadership-news-media-2024-evidence-five-markets>

discurso único de mundo”, e na academia “mediante um cerco às ideias cada vez menos dissimulado” (Santos, 2001, p. 27). Nas lentes do que se comprehende como jornalismo, é possível utilizar do que Milton Santos diz sobre a visão única oferecida pela ciência, para entender como os paradigmas da comunicação são construídos, e em grande medida, responsáveis por suprimir figuras e atuações como a de Abdias. Como o jornalismo é em si uma técnica hegemônica “filha da ciência”, e como sua utilização se dá “ao serviço do mercado, esse amálgama produz um ideário da técnica e do mercado que é santificado [...], considerada, ela própria, infalível. Essa, aliás, é uma das fontes do poder do pensamento único” (Santos, 2001, p. 26). Santos diz ser essa a condição para a difusão de um pensamento e uma prática “totalitária”, uma condição que não se limita só a esfera de trabalho, como também está nos cercos da política, das relações interpessoais, no mundo da pesquisa e das universidades. Seria, então, a possibilidade da prática jornalística a partir de uma cosmovisão afro-brasileira, por exemplo.

O racismo por omissão e/ou denegação, como dito por Lélia Gonzalez, é atuante principalmente nos meios de comunicação, que escolhem preservar a condição do negro no Brasil na invisibilidade, preservando uma identidade de país que seja branqueada. Visto que, as instituições de comunicação e jornalísticas também abrigam em si a capacidade representativa, do que se quer visto na sociedade, é preciso entender que elas também produzem e elaboram discursos alçados de perspectivas, de escolhas editoriais, e de uma produção intelectual que rejeita a diversidade e que acolhe a narrativa da identidade branca hegemônica. Como bem a jornalista Yasmin dos Santos pontua em *Letra Preta: A Inserção De Jornalistas Negros No Impresso* (2019), é a compreensão dessa realidade que leva grupos minorizados a criarem veículos próprios de comunicação, explorando outras estratégias discursivas, como Abdias prontamente fez na década de 1940. Santos ainda faz uma referência a Sodré (2015) que nos diz: “nenhuma verdadeira política antirracista pode implantar-se num sistema discursivo como o dessa grande mídia” (Santos *apud* Sodré, 2019, p. 20).

Ao ler o jornal *Quilombo*, toma-se consciência da centralidade da questão racial no Brasil, das práticas das religiões de matrizes africanas, da valorização intelectual e da vasta produção e capacidade artística das populações negras. Abdias foi uma figura que incrementou à ideologia do jornalismo uma ideia verdadeiramente libertária e que teve como objetivo combater um processo de apagamento real em curso que nega às populações negras a possibilidade de autodefinição, subtraindo-lhe os meios de identificação racial (Nascimento, 2016).

## 5. Considerações finais

Analisamos fontes documentais de valor social inestimável, e que comprovaram a autodeclaração de Abdias Nascimento como um jornalista. Sobretudo, documentos que sustentaram a hipótese construída pela pesquisa: o jornalismo foi um fator crucial e protagonista na formação da identidade militante, política e negra de Abdias Nascimento. Haja vista a gama de produções pertinentes do autor em um período principiante de sua trajetória (1930-1950), como cronista, editor de coluna de jornal, e sobretudo, diretor-fundador de um jornal negro independente, não há razões plausíveis para que a trajetória do jornalista Abdias Nascimento siga em detrimento nos estudos da comunicação.

Como foi exposto, o trabalho priorizou ter bases bibliográficas negras, afro-brasileiras, ou referenciadas nos estudos das relações raciais, para extrair da trajetória de Abdias, e compreender em muitas medidas, o que pode ter influenciado na sua formação ideológica e subjetiva. Para analisar a questão, consideramos em toda a pesquisa o princípio de Stuart Hall sobre a identidade, que pode ser múltipla e alimentada por várias condições. Buscamos entender, pela perspectiva afro-brasileira, como a infância, a religião, a origem, a coletividade, o contexto histórico, e alguns outros fatores, somatizam a personalidade do biografado e construíram sua personalidade.

Afirmamos que mesmo nos momentos iniciais, de uma militância baseada apenas na raiva legítima, porém desorganizada, Abdias esteve em contato a todo momento com o jornalismo. Desde a distribuição de folhetins, a fundação de um pequeno jornal. E, todavia, como até mesmo no escopo da militarização, não houve desvios em relação à sua dedicação na luta pela equidade e justiça social. Debatemos como o cárcere, nas duas situações conduzido pelo racismo, incendiou as ideias e radicalizou a postura de Nascimento frente ao mundo. E como na segunda vez, importante em maior medida, sua habilidade jornalística se caracterizou pela importância da corporeidade, da coletividade e da participação direta e subjetiva na produção do conteúdo.

Demonstramos como a coluna “Problemas e aspirações do negro brasileiro” no Diário Trabalhista, não só foi um celeiro das metodologias e experiências jornalísticas adquiridas por Abdias, como também nomeou e inspirou seu projeto mais conhecido, o jornal *Quilombo*. E que enfrentou socialmente a negação da existência de um “problema do negro” no país, ou seja, do racismo, em vias de uma década que a sociedade e as elites tentavam a todo custo negar a desigualdade racial. Nela também, de maneira predecessora, se debatiam questões como a criminalização do racismo e da interseccionalidade de gênero e do racismo. Demonstramos

como a fundação do jornal Quilombo está intrinsecamente ligada à ideia do Quilombismo, de autossuficiência e organização de luta pela liberdade em bases negras e afro-brasileiras, e como isso deve ser lido como uma metodologia de comunicação, uma ciência jornalística.

O fato de jogarmos luz na sua trajetória de Nascimento como jornalista não a esgota, pelo contrário, a torna perene. Assim como, a pesquisa, que não tem um ponto final, mas como nos lembra Nego Bispo, um começo de novo. Pretendo seguir com o tema no mestrado, e me aprofundar nas fontes documentais, em todas as medidas, mas especialmente no conteúdo do *Diário Trabalhista*, do *Submundo* e do *Quilombo*, que por serem extensos, não puderam estar completamente abordados. Buscar, se for possível, localizar outras fontes documentais desse período histórico que não foram possíveis no momento dessa pesquisa, como o trabalho jornalístico que ele produziu no exterior enquanto viajava com a Santa Hermandad Orquídea, e o jornal que ele circulava no Exército. E prosseguir, com passos esperançosos, de ver este trabalho em forma de publicação, um livro.

## 6. Referências bibliográficas

- COSTA, Cristiane. Pena de aluguel: **Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, Luís Ricardo Araujo da. **Bota o retrato do velho Getúlio outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro** / Luís Ricardo Araujo da Costa. – 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2014.
- DOMINGUES, Petrônio José. Imprensa Negra. In: SCHWARCZ M., Lilian.; GOMES, Flávio. (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**/ org. Lilian M. Schwarcz e Flávio Gomes. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- DOMINGUES, Petrônio José. **Os Pérolas Negras: a participação do negro na Revolução Constitucionalista de 1932**. Afro-Ásia, v.30, 2003, pp.199-245. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77003006>. Acesso em: 22 out. 2024
- DOMINGUES, Petrônio José. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo, v. 12, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt>
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020/320 pp.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. (2001). **Diário Trabalhista (verbete)**, in A. A. de Abreu et alii (coords.), **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro, CPDoc/Editora FGV, vol. 2.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo; MACEDO, Márcio. **Diário trabalhista e democracia racial negra dos anos 1940**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.51, no 1, 2008, pp. 143 a 182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/RcGLkBKvFbrXMtWnRsKSmrL/?format=pdf&lang=pt>
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950**. Afro-Ásia [online]. 2003, v.30, 247-269. Número de série: 0002-0591. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77003007>
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito**. Novos Estudos Cebrap, v. 61, n. 3, p. 147-162, 2001.
- GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, Diáspora Africana, 2018.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. - Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.
- MENDES, Andrea; BEZERRA, Nielson. **Joãozinho da Gomeia: Educação, Candomblé e Cultura Afro Brasileira**. Periferia, v. 12, n. 3, p. 09-13, set./dez. 2020.
- NASCIMENTO, Abdias do (org.). **O Negro Revoltado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

- NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** – 3. ed. rev. – São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. **Submundo: cadernos de um penitenciário.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva, 2016.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento: grandes vultos que honraram o Senado.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2014. 347 p.
- SACRAMENTO, Igor. **A biografia do ponto de vista comunicacional.** MATRIZes, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 2, p. 153–173, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i2p153-173. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/90452>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Yasmin. **Letra preta. A inserção de jornalistas negros no impresso.** Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Escola de Comunicação – ECO –, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Orientadora: Cristiane Henriques Costa.
- SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. **Abdias Nascimento: o griot e as muralhas.** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendências; v. 4)
- SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional** / Muniz Sodré. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil** / Muniz Sodré. — Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô** / Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

## 7. Anexos

### Anexo A – Integralismo I



Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional<sup>43</sup>

<sup>43</sup>Disponível

[https://d.docs.live.net/1e22a122d320de39/Documents/Faculdade/Trabalho%20Conclusão%20de%20Curs o%20-%20Projeto/PERIÓDICOS/O%20RADICAL\\_RJ\\_28\\_12\\_1937\\_BN\\_DIGITAL.jpeg](https://d.docs.live.net/1e22a122d320de39/Documents/Faculdade/Trabalho%20Conclusão%20de%20Curs o%20-%20Projeto/PERIÓDICOS/O%20RADICAL_RJ_28_12_1937_BN_DIGITAL.jpeg)

em:  
Acesso em:

30/11/2024

## Anexo B – Integralismo II

**social**

**entorpecente**  
**ídica**

**PHONE 43-3215**

**“Em nome de Deus, da Patria e da Familia”**  
**queriam ensanguentar o Brasil**

(Continuação da 1<sup>a</sup> pag.)

Werneck de Aguiar e Wilson Jaty Neves.

Achavam-se encarregados da distribuição dos moletins subversivos, os seguintes extremistas: Fernando Lyrio Alves de Almeida, Tito Guedes Martins, Abdias do Nascimento, Geraldo Campos de Oliveira, Ricardo Werneck de Aguiar e o chauffeur “Ministrinho”.

**REDACTORES DE “A OFFENSIVA” E DE “O POCO”**

De acordo com as declarações prestadas às autoridades, ficou constado que vários elementos detidos fazem parte dos jornaes integralistas, “O Poco” e “A Offensiva”. São eles: Romulo Barreto de Almeida, Léo Landulpho Monteiro, Romeu de Vasconcelos Mezenez, Geraldo Campos de Oliveira, Abdias do Nascimento, Ricardo Werneck de Aguiar e Otholmy da Costa Strauch.

**EM FLORIANOPOLIS**

FLORIANOPOLIS, 27 (Especial para O RADICAL) — As autoridades locais deriveram, à tarde, o individuo Celso Mafra Caldeira, consignatario de um caixote apreendido na Alfandega desta capital. O referido caixote foi aberto pela polícia, e no seu interior foram encontrados fardamentos, “casse-têtes” e outros objectos, que deveriam ser distribuidos aos integralistas locaes. Celso Mafra Caldeira é elemento de projeção nas hortas verdes desta cidade. Foi aberto inquerito.

**NOVAS PRISÕES E APPREHENSÕES FEITAS HONTEM A' NOITE**

O capitão Seraphim Braga, que tem sido um dos grandes estelios na Ordem Política e Social, estes ultimos dias vem se desdobrando na realização de importantes serviços, levando a efeito, com exito extraordinario, uma serie de diligencias para a captura de extremistas verdes, que articulavam um movimento de subversão da ordem, conforme já é do dominio publico.

Obedecendo à orientação do sr. Israel Souto, o capitão Seraphim Braga, hontem, conseguiu pilhar varios elementos extremistas.

pois confessara ser extremista verde, Antonio Joaquim Fonseca. Declarando ser integralista, Hygino disse pertencer ao nucleo das camisas verdes instalado à Avenida Gomes Freire n. 131.

O capitão Seraphim Braga, em perda de tempo, prosseguiu as suas diligencias, indo desentocar a rua do Senado n. 159 o extremista referido por Hygino como lhe tendo distribuido munição, Antonio Joaquim Fonseca.

Em presença das autoridades na Ordem Política e Social, o extremista verde Joaquim Fonseca, depois de dar a sua identidade como integralista nucleado à Avenida Gomes Freire, declarou que a mulher aprehendida no quartel onde reside o seu comparsa Joaquim Hygino Antunes lhe tinha sido distribuída naquella sede integralista, achando-se já em seu poder ha 18 mezes!

**BOLETINS TENDENTES A INFLUENCIAR AS FORÇAS ARMADAS CONTRA O GOVERNO**

Prosseguindo na sua incansavel campanha, sempre cheia de exito, o capitão Seraphim Braga quis fazer uma limpa à caça pela cidade contra os extremistas verdes.

Nesse firme proposito as autoridades da Ordem Política e Social conseguiram prender, ainda, hontem, à tarde, Adriano Alves Guimaraes, integralista do nucleo em illusão, funcionario da Contabilidade do “Correio da Manha”, o qual tinha em seu poder, promptos a serem distribuidos, varios manifestos tendentes a influenciar as forças armadas contra o Governo.

Indagado da procedencia desses manifestos, Adriano Alves Guimaraes respondeu que lhe foram entregues à distribuição pelo seu companheiro de jornal e consocio extremista verde, Braulio Modesto de Almeida, nucleado na mesma séde.

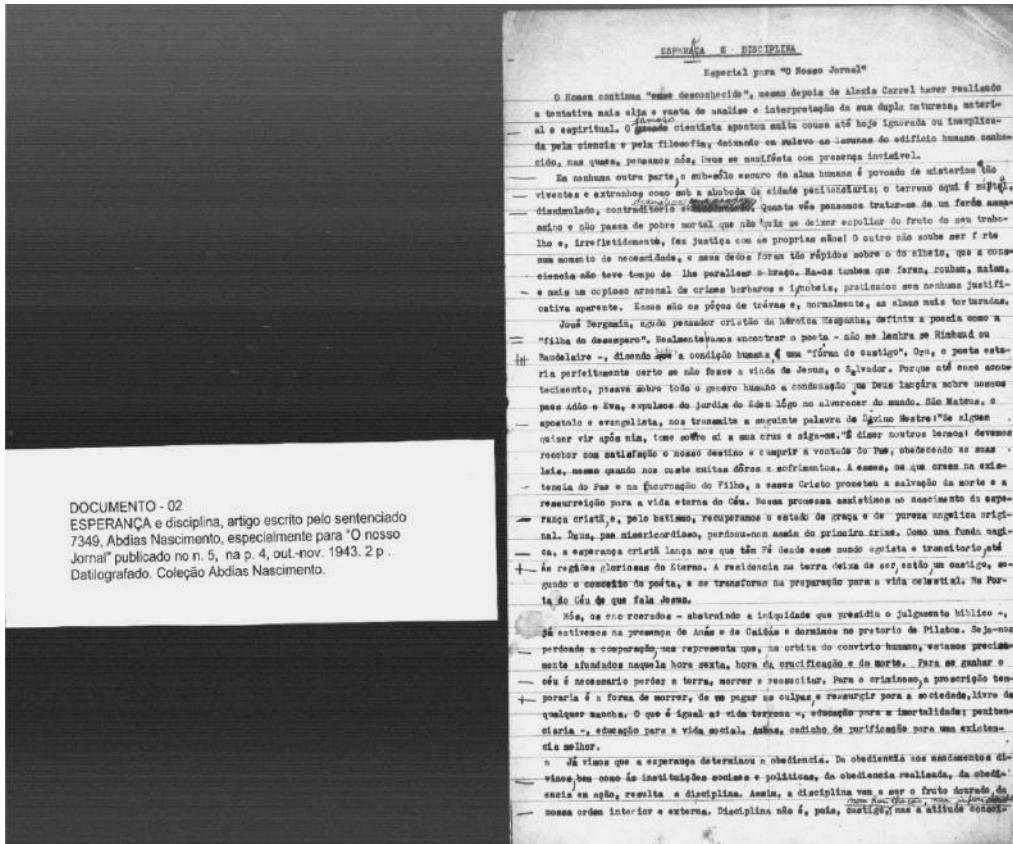
As autoridades deriveram ainda mais esse individuo, achando-se todos na Delegacia da Ordem Política e Social, os quais depois de qualificados em cartorio serão processados regularmente, de acordo com a Lei de Segurança e à nova organização constitucional desse Tribunal especial.

Fonte: Hemeroteca Digital – Fundação Biblioteca Nacional<sup>44</sup>

<sup>44</sup>Disponível

[https://d.docs.live.net/1e22a122d320de39/Documents/Faculdade/Trabalho%20Conclusão%20de%20Cursos%20-%20Projeto/PERIÓDICOS/O%20Radical\\_RJ\\_28\\_12\\_1937\\_BN\\_DIGITAL\\_2.jpeg](https://d.docs.live.net/1e22a122d320de39/Documents/Faculdade/Trabalho%20Conclusão%20de%20Cursos%20-%20Projeto/PERIÓDICOS/O%20Radical_RJ_28_12_1937_BN_DIGITAL_2.jpeg) Acesso em: 30/11/2024

## Anexo C – Artigo no “O nosso jornal”



Fonte: Acervo do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)

## Anexo D – Carteira de funcionário do Diário Trabalhista



Fonte: Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Brasil)

## Anexo E – Diário Trabalhista I



“O nosso fotógrafo fixou o momento em que o estudante Walter Cardoso era ouvido por nossos amigos”

Continuamos a registrar pontos de vista referentes ao problema do negro no Brasil. Pontas de vista a partir de que se temos de considerar, é sempre de um problema misto, de homens e mulheres pertencentes a todas as classes sociais e a qualquer tendência política.

Seus setorismos de algumas espécies, trilhando o caminho largo e ensolarado da Democracia, vêm removendo os entulhos, as muralhas, as barricadas que o grande povo sob uma falsa impressão de igualdade social, vêm retardando a integração efetiva do ator universal na comunidade nacional.

Isolacionismo impõe ao negro travestido de mil e um rôuge, igualitários, eriçá o tipo passional e materialmente “marginal”, que se encontra no mundo do seu ser um planeta de angústias, de dores, de revoltas, de sonhos e esperanças.

Após o discurso pronunciado no Congresso pelo senador Hamilton Nogueira, o deputado Hamilton Nogueira, convidado de negro, cunha novo aleitou. Via reconhecido pelo representante do povo as restrições que dão ao negro o direito de viver denunciando a nacionalidade. Hoje, lá não é mais possível alegar que a questão do negro é de racismo, porque nem uma voz sequer se levantou no Congresso, entre os deputados, de racistas negros, porque nem uma voz sequer se levantou no Congresso, entre os deputados negros, “lá uma questão de fato: restrição da entrada de prelos na Escola Millar, na Escola de Artes, na Aeronaúticas, principalmente, na carreira diplomática.”

Equivale dizer que no Brasil também há racismo noroesteiano, que também entra nôs o mundo, que é de raça, encantado campo para vicejar.

### O PROBLEMA PRINCIPAL DA EDUCAÇÃO

— Muito ouvimos já, sobre o problema do negro brasileiro, o professor de medicina Walter Cardoso, — porém, quase nada de práticas, agota fala fôrta. Como ninguém mais ignora, ele em particular, muito restrita, tem lida opinião.

“... que a pintura de Marco. For que é imediatamente a demissão comunitária que difere Novecento e Barroco? O senhor que se destina a Progr. de ver como pinturas, isto é, um homem que é que, portanto, que há de dente de solho impedindo que a pomba abala este pardoeiro.”

### COMPLETOU 5 ANOS A POLICLÍNICA DOS PESCADORES

O movimento das suas diferentes clínicas — Mais de 9 mil consulentes atendidos

A Assembleia Nacional Constituinte inaugura um novo período nas relações de um povo precário no Brasil. Está lançado o ponto de marco para o aperfeiçoamento da nação que há 400 anos padecem sozinhos. Com um sorriso franco e bom que somente o negro possui.

### O BRASIL CONFIA NA O.N.U.

#### Declara o sr Leão Velo

MIAMI, Flórida, 20 (U.P.) — O sr. Leão Velo, ex-deputado brasileiro e atualmente delegado da Organização das Nações Unidas, chegou ontem à noite a esta cidade de avião, acompanhado de Henrique de Souza Gomes, comandante da Força Aérea brasileira. Falando à imprensa, o sr. Leão Velo declarou que não havia tempo grande confiança na Organização das Nações Unidas, revelando também que permanecerá aqui até o dia 25 em seguida partira para New York.

### Uma notável e americana

Visitou o Departamento de Estado, o Consulado dos Estados Unidos, a Embaixada Americana, a Embaixada Britânica, realizando i

nteressante palestra sobre o certo O dr. Braga Nogueira, diretor da Policlínica dos Pescadores, realizou a cerimônia de aniversário de 50 anos da Policlínica dos Pescadores, tendo representado a União, o Dr. José Gómez, ministro, prestou assinalados homenagens à classe que serve, porcionando-lhe prêmios, todos os recursos para uma eficiente assistência médica.

“... que a pomba abala este pardoeiro.”

Aderiu ao Comitê Social e Trabalhista

Moi

“Em assembleia ontem, em sua casa, o Trabalhista deu sua adesão a essa causa, na capital.

cial e humanitária que as do seu norte desempenham nestes 97 200 km², que prestam a assistência médica, que presta a classe dos pescadores foi tão intensa quanto o seu próprio desenvolvimento, em 1941, se iniciou a construção da Policlínica dos Pescadores, que desdobrou-se numa extensa rede de ambulatórios que, instalados em Niterói, Nata, João Pessoa, Recife, Maceió, Vila Velha, Paranaíba e Santa Catarina, assiste a numerosa população de 1.500 mil famílias, espalhadas a longo de todo o litoral brasileiro. Esta organização, cujas instalações estão aqui no Rio, conta com uma grande rede, em construção, com o acentuado de devo andar, no próprio edifício, sede, com a parte médica-clínica, prestando também filhos uma ampla assistência social e educativa, esta última na véspera pôs do litoral brasileiro, com enorme frequência, de milhares de pescadores. Ela, que brevemente, também, é a Policlínica dos Pescadores. Todavia, realizando mais a solidariedade dessa organização assisten-

### FERIAS SEMESTRIS

#### e ordenado integral em caso de e

#### AS OUTRAS REIVINDICAÇÕES DOS METALÚRGICOS —

#### CLASSE CONTRA A PRISÃO DE COMPAÑHEIROS E CO

#### TAÇÃO DO DIREITO DE GREVE

Estava em nossa redação uma comissão de trabalhadores metalúrgicos que aqui veio protestar contra a prisão do companheiro José Gómez, presidente do conselho de dirigentes da M. U. T. e, ainda, contra o recente decreto assinado pelo Presidente da República, limitando o direito de greve.

Os trabalhadores, que faziam parte dessa comissão, comunicavam

atividades de seu diretor, os trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material de Construção de Juiz de Fora, que se reuniram em assembleia geral em seu Sindicato, no dia 10 de corrente, lamentam os atos de V. S. a força a que o presidente J. Manoel Coelho Filho, estranhan-

do, também, a prisão dos diri-

gentes do MUT e as medidas con-

Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil)

## **Anexo F – Diário Trabalhista II**

BR AGO TEN: CHL NR 25

# PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES do negro brasileiro

## Crime, - o preconceito de côr e de raça!

Fala ao DIÁRIO TRABALHISTA o sr. Corsino de Brito, secretário do Centro de Cultura Afro-brasileiro

Não são necessárias muitas linhas para a apresentação desse homem, é Corsino de Brito e ele se destaca como um dos elementos de luta de frente do movimento revolucionário dos afro-brasileiros. Brito é de São Paulo, descendente do povo escravizado por sua Senhora Abolição, a qual sacrificou, em última análise, na efetivação real, concreta, objetiva e dinâmica daqueles direitos de igualdade que a Lei e a Constituição do país asseguraram aos homens de cor desde 1888. Segundo a lei, to-

Existe o preconceito de cor. Isso é certo, mas não é preciso fazer pesquisas, afim de comprovar. Basta observar as prioridades para brancos e negros entre elementos de cor em vários setores da nossa escala social. Isso, a partir de postos de emprego, habitação, desde o comércio, carreira, liberais até as autoridades estatais. Isso é certo, é até mesmo na vida simples e cotidiana, como se vê nos estados do sul, mais acentuadamente, e também no Distrito Federal. Aqui o negro sofre decepções

cívico-intelectual, revistas, jornais ao alcance do negro, com vasta disseminação da cultura negra da norte-américa em nosso meio.

### O PRECONCEITO DE COR DEVE SER CONSIDERADO CRIME

Após breve pausa prosseguiu o nosso entrevistado:

...o preconceito de cor é crime. Estão as satisfações do povo. Estão as satisfações da justiça. No sentido de tornar executível tal programa é necessário que tenha sua Carta Constitucional à altura, mandando particularmente ser crime

"...o negro sofre decepções a todo instante", diz Corsino de Brito.

dos são iguais no Brasil, porém, na vida diária o gente negra depara com obstáculos sempre quando não intransponíveis, afim de conseguir um padrão de vida mais elevado.

Desde que iniciamos a nossa "enquete" vários e impressionantes foram os depoimentos que realmente atingiram o público. Daí, assim, os preconceitos aparecer a verdade, e tão sómente a verdade, oferecendo aos nossos depoentes toda a liberdade de expressão e de palavra, respeitando-lhes integralmente o pensamento, ainda quando desfavorável aos negros mesmos. E assim, com trabalho árduo, a situação real e atual que o negro desfruta em nossa sociedade a pouco e pouco vem emergindo da grande mistificação de que "no Brasil não há preconceito de cor".

#### O NEGRO SOFRE DECEPÇÕES A TODO INSTANTE

A nossa primeira pergunta, Corsino de Brito, - infatil claramente, é qual é a solução para os preconceitos? E o que frequentemente vemos são atitudes francamente infantis — a nossa primeira pergunta Corsino respondeu sem vacilar:

a todo instante, bastando, por exemplo, que queria fazer embaixada, barbearia da Cine-lândia, desse tipo sócio do Fluminense ou até mesmo desse num cheshesho de subúrbio, como o Banga Esporte Clube.

#### FATORES DO PRECONCEITO

— A que atribuir a existência desse preconceito?

Em primeiro lugar a influência de correntes estrangeiras. De fato, há uma nível cultural de novo e também fator de círculo do próprio elemento negro. Este, por não encontrar apoio do Estado, não teve oportunidade de acompanhar o ritmo de evolução dos demais elementos que participaram da formação da nação. Nós só vimos a negro em evolução, mas, como já falei, faltou de apoio de condições, de estímulo.

Perguntamos ao nosso entrevistado como resolver o problema. Assim, ele manifestou Corsino:

— Pensemos a solução imediata. É preciso tomar aí a responsabilidade de todos os meios, de imprensa, rádio, televisão, de cor através de suas respectivas entidades, de círculos

ameaça constante à unidade nacional o preconceito de raça ou de cor.

Somente por esta forma o direito do negro deixará de ser letra morta, conforme vem acontecendo desde 1931.

#### MOVIMENTO DE EMANCIPAÇÃO, CULTURA E PROGRESSO

— Qual a sua opinião à respeito das entidades de negros, ora em atividade no país?

— Encaro com simpatia o atual movimento negro. O Congresso Afro-Campineiro foi um passo feliz nesse sentido. O Centro de Cultura Afro-brasileiro, de Recife, outra afirmação de simpatia do negro. Os movimentos recentes em São Paulo, feito por Fernanda Góes e outros intelectuais negros, são também uma belissima afirmativa.

É presentemente o Teatro Experimental do Negro, aqui no Rio, uma prova autêntica para os que descrevem ou apodiam a capacidade da gente de cor.

Iniciativas todas essas, que devem marcar a apóio decidido das entidades de negros, mas de todos os homens de boa vontade, porque, se trata de um movimen-

to de emancipação, de cultura, de progresso, etim, para o Brasil.

E aqui termina o interessante depoimento do Sr. Corsino de Brito esclarecido secretário do Centro de Cultura Afro-brasileiro.

Fonte: Acervo do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)

## Anexo G – Diário Trabalhista III



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

## Anexo H – Diário Trabalhista IV



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

## Anexo I – Diário Trabalhista V



Fonte: Acervo Fundação Biblioteca Nacional (Brasil).

## Anexo J – Diário Trabalhista VI



Quando falavam ao nosso companheiro, da esquerda para a direita: sra. Nair Gonçalves, sra. Maria de Lourdes Nascimento e sra. Rute de Souza

Durante a homenagem que os negros prestaram ao senador Hamilton Nogueira, tivemos oportunidade de verificar que o atual movimento pôr reivindicação da raça conta com o apoio e o trabalho eficiente da mulher. Ela está profundamente vinculada às aspirações dos seus homens de cérus todo o país. Nem podia ser de outra forma quando sabemos que a mulher negra arca com um pesado onus de lutas, de sacrifícios, de abnegação, dificilmente suportados pela mulher de outra raça. Rute de Souza, que representou a mulher negra vem descrevendo em silêncio uma trajetória de mansidão, de docura, suportando rudes tarefas no sítio, nas senzalas nas fábricas e nos empregos isométricos. Sofrendo abomináveis assaltos em sua honra e dignidade, pressa, humilhação, ameaças — impeditos de subir na escada social, e desfrutar uma existência de conforto e respeito em igualdade de condições com suas irmãs de outra cor. Ainda traz uma indiferença indifarçável ditado que diz "Branca para iscar, negra pra trabalhar", isto é, que as mulheres inferiores os ossos fôrões de povo civilizado étnico e democrático.

A mulher negra faz muito bem grande no lado de seus maridos, irmãos, noivos e filhos nessas batalhas heroicas contra o racismo e o preconceito de cor, cujos primeiros resultados já estamos vendo aí, na pele de professores, hamiltonianos, no selo da Assembleia Nacional Constituinte. Aconselhamos às mulheres negras certas fileiras em torno da Convenção Nacional do Negro Brasileiro, cujo objetivo único é a vação do nível social, cultural, econômico e psicológico da gente afro-brasileira, fora de partidismo político. Todas as fileiras, é certo, e essas fileiras na da Convenção n.º 13, sobre os sócios da Convenção, se nem para tratar de assuntos

de minhas palavras. Estou ane-  
nas ajudando a achar caminhos  
e não procurando veicular intri-  
gas ou inimizades entre nós.

NAIR GONÇALVES SEMPRE FOI  
UMA REVOLTADA

A nossa pergunta, respondem a sra. Nair Gonçalves:  
Sinto uma alegria imensa em saber que estamos trabalhando pelo melhoreamento dos negros de todo o Brasil. Sempre fui uma lutadora isolada dessa causa. Não viajámos e nem oportunitades elas da expansão, a família, a casa, a educação, morar em mim. Revolta contra as explorações, as humilhações, as que tentei no passado como hoje as são impostas por causa da nossa cor. Vamos continuar lutando nô. O fim e agora certos da vitória que já se aproxima...

A esta altura, Rute inter-  
veio para acrescentar:

A mulher negra, todas elas de qualquer condição social — digo isso por causa de umas tantas, que por serem formadas, não se julgam mais negras e nem pertencentes à nossa classe de trabalhadores — todas elas, des-  
de catorze anos de idade, des-  
sentei. Somente através desse movi-  
mento que estamos levando a efeito, os negros podem ter esper-  
ança de um dia terem os seus direitos reconhecidos de verdade e não apenas no papel.

A MULHER NEGRA PERDEU O  
SENSO DE RESPONSABILIDADE  
MORAL

Desenvolvendo o seu raciocínio em torno de nossa pergunta, assim se expressou a senhora Maria de Lourdes:

— A situação desfavorável que a mulher negra ocupa em nossa

sociedade tem, como únicos res-  
ponsáveis, os brancos. Eles nos  
escreviam material, espiritu-  
ualmente. Violentaram a nossa  
tradição cultural e religiosa, e  
fez tanta oressão psicológica nô-  
sobre as negras, isto durante tan-  
to tempo, que conseguiram que a  
massa das mulheres negras estu-  
darem e lutem por um melhor pa-  
drão de vida. Costumam dizer  
que é porque ela gosta mesmo de  
ser escrava, tem saudade do  
jugo, por isso prefere mais ir às  
gafieiras, pagando ingresso, do  
que frequenta uma casa, per-  
turbando noite após a saída do  
trabalho. Assim, presenciamos  
esta situação verdadeiramente  
paradoxal: mulheres que se sa-  
cificam tanto pelos interesses  
alheios, trabalhando desde a ma-  
drugada até tarde da noite, sô-  
bria e suja, se sacrificam por  
si mesmas, libertinamente, ob-  
tendo novos merecimentos. Mas  
isso explica-se na falta de esti-  
mulos e de oportunidades às que  
conseguiram não ser apenas la-  
vadeiras e cozinheiras. Formam-  
se, são instruídas, e depois ficam  
só, vegetando, sem poder ga-  
nhar a vida, e, por isso, os novos  
padrões a que tem direito. Expli-  
ca-se ainda pela existência de  
prazeres faciais a que os brancos  
se acostumaram, perver-  
tendo o sentido da vida e da di-  
nidade da mulher. Por todos  
esses motivos, a luta pela valoriza-  
ção do negro brasileiro é muito  
mais difícil. A mulher negra pro-  
voca reflexo em seu mundo inte-  
rior. Há uma necessidade urgen-  
te de ser afastado do seu cami-  
nhão tudo que concorre para o seu  
rebaixamento e desmoralização.  
E isso tem que ser feito

por outros, porque ela mesma,

colhida, nem sabe que o seu in-  
tuito é ser grande, nem sabe

que é tão mal isto, cheirando

o extremo de atá duvidar que

os negros também se casem his-  
tóricamente e distinutamente, com

o mesmo alto sentimento de res-  
ponsabilidade matrimonial das

mulheres humanas mais cultas e ci-  
vilizadas.

Na Convenção do Negro Brasileiro, no Teatro Experimental

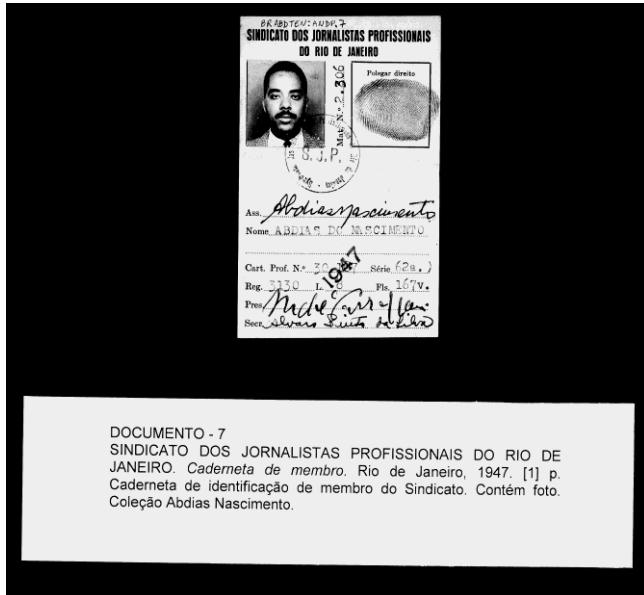
do Negro, esperamos que todas

as nortistas e nortistas estudar

e elevar seu nível social, assim

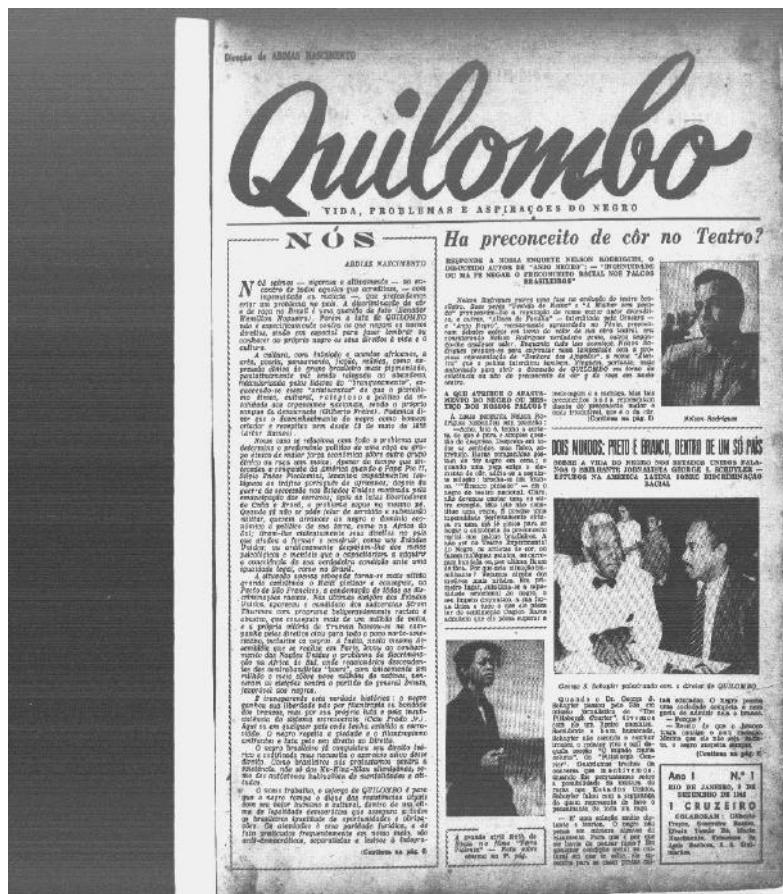
como também lutar por aqueles

## Anexo K – Carteira do Sindicato de Jornalistas Profissionais



Fonte: Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)

## **Anexo L – Quilombo 1<sup>a</sup> edição**



Fonte: Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)

## Anexo M – Artigo Raquel de Queiroz no Quilombo



Fonte: Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro)